

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**“SER VOLUNTÁRIO”: ALGO MAIS DO QUE
OCUPAR O TEMPO**

MICHELE CATHERIN HENRIQUE

ORIENTADORA: Profa. Dra. ILSE SCHERER-WARREN

FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**“SER VOLUNTÁRIO”: ALGO MAIS DO QUE
OCUPAR O TEMPO**

**Dissertação submetida à Universidade
Federal de Santa Catarina para a obtenção do
Grau de Mestre em Sociologia Política.**

MICHELE CATHERIN HENRIQUE


FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

SER VOLUNTÁRIO: Algo mais do que Ocupar o Tempo

Michele Henrique Catherin

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e Membros da Banca Examinadora, composta pelos Professores Doutores:



Profa. Dra. Ilse Scherer-Warren
Orientadora



Profa. Leilah Landim
Membro



Profa. Dra. Tamara Benakouche
Membro - coord.

Florianópolis, outubro de 1995.

AO HENRIQUE,
À LIZANA E
AO GÚBIO.

AGRADECIMENTOS

Relembrando os momentos vivenciados durante a execução deste trabalho e a colaboração, o incentivo e o apoio de muitas pessoas que o tornaram possível, quero nesta oportunidade registrar meus agradecimentos.

Minha orientadora, professora Ilse Scherer-Warren, pelo acolhimento do tema, incentivo, paciência, atenção e exemplo de profissionalismo e seriedade.

Meus colegas e amigos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

Meus professores do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política e a Albertina Buss Volkmann, pela eficiente atenção durante o curso.

Às pessoas que me receberam por diversas vezes nos grupos visitados, por ocasião das entrevistas e coleta de dados.

Meus agradecimentos à CAPES, pela bolsa de estudos que me possibilitou cursar o mestrado e realizar esta pesquisa.

Meu especial agradecimento ao Henrique, com quem dividi minhas inquietações e minhas ansiedades, sou grata pela paciência, apoio e compreensão que, junto com nossos filhos, soube estar presente no exato momento em que eu mais precisava.

RESUMO

Este é um estudo sobre o significado de ser voluntário na sociedade. A ação do voluntário, comumente relacionada a uma atividade pela qual algumas pessoas de "bom coração" procuram "ocupar seu tempo", é aqui apresentada como uma ação que conjuga em sua estrutura os sentimentos de amor ao próximo com a opção espontânea e consciente de algumas pessoas por intervir na construção da sociedade.

O desenvolvimento do trabalho comporta também, de forma abrangente, breve histórico sobre as ações caritativas, uma visão sobre os registros das associações voluntárias no contexto brasileiro e, de maneira mais específica, dados sobre seis associações voluntárias e instituições pesquisadas, localizadas em Florianópolis e São José, no Estado de Santa Catarina, representativas, neste estudo, do campo de atuação do voluntário.

Ao final, o estudo apresenta que ser voluntário significa uma escolha racional e consciente dos indivíduos de participarem, através das ações de solidariedade, da produção do social. O trabalho voluntário representa o meio pelo qual os agentes instrumentalizam seu projeto e intervêm, através dessa ação, como construtores e modificadores da realidade social.

ABSTRACT

This is a study about the meaning of being a volunteer in society. The volunteer work, usually related to an activity by which some good hearted people look for to fill up their spare time, is presented here as a work that mixes the love feeling to the other with an spontaneous and conscious option of a few people, to interact in the building of society.

The development of this work also embraces, in a wide way, a brief history about the charity actions, a brief view of the volunteer association records in the brazilian context, and in a more specific way, data about six volunteer associations and researched institutions, located in Florianópolis and São José (State of Santa Catarina) which are representative, in this study, for the volunteer field action.

At the end, the study presents that to be a volunteer means a rational and conscious choice for the persons who participe, through solidarity actions and production of the social. The volunteer work is presented as a mean through which the agents make their projects possible and interact, by these actions as constructors and modifiers of social reality.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

RESUMO/ABSTRACT

I. SER VOLUNTÁRIO

- 1.1. Introdução..... 01
- 1.2. Procedimentos metodológicos..... 05

II. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DE UMA ANÁLISE

- 2.1. As ações determinadas de modo racional..... 09
- 2.2. Um outro elemento presente nas ações voluntárias..... 14
- 2.3. A ação voluntária na vida cotidiana..... 22
- 2.4. A extensão do trabalho do voluntário sob uma perspectiva de rede.... 27

III. CAMINHOS DO VOLUNTARIADO

- 3.1. História e trajetória..... 33
- 3.2. Instituições pesquisadas..... 48

IV. O INDIVÍDUO E A ATIVIDADE VOLUNTÁRIA

4.1. O ser voluntário.....	74
4.2. É uma tarefa difícil ou fácil?.....	82
4.3. O que leva uma pessoa a realizar o trabalho voluntário.....	86
4.4. O voluntário no campo das ação sociais.....	95

V. TECENDO A ESTRUTURA DA ATIVIDADE VOLUNTÁRIA

5.1. Como se constrói essa atividade.....	105
5.2. Os fios condutores da ação do voluntário.....	106
5.3. As malhas que se tecem a partir da extensão do trabalho voluntário...	115
5.4. "A diferença no modo de as pessoas encararem a vida é que umas são voluntárias e outras, não".....	119

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS 125

VII. BIBLIOGRAFIA 136

I. “SER VOLUNTÁRIO”

1.1. Introdução

A realidade social se apresenta a nós como um campo propício à emergência e também à permanência de ações alternativas particulares. Entre essas, facilitadas por um contexto que conjuga a ineficiência de políticas sociais com outros problemas, as ações dos voluntários vão, paulatinamente, galgando e solidificando espaços de atuações na sociedade através dos seus agentes, os voluntários.

Contudo, o que se observa, freqüentemente, é esta ação do voluntário ser pensada como vazia de significados, a não ser o de demonstrar mais uma das singelas formas de expressão de “*amor ao próximo*”. Comumente, o trabalho do voluntário é visto implicando dois aspectos: “*tempo de sobra*” e um “*grande coração*”, que é realizado por quem queira distância do que possa significar ou se relacionar com ações de caráter político ou de transformação na sociedade.

Esse modo de pensar se enraizou de tal forma, no campo do conhecimento comum, que obscureceu o olhar sob o enfoque da análise sociológica, como também do corpo e da expressão que esta ação vem adquirindo na sociedade.

Relegada ao desinteresse acadêmico, permaneceram assim, em aberto, ao nosso ver, questões consideradas básicas e não respondidas devido ao reduzido conhecimento específico existente sobre a ação do voluntário na sociedade.

Como se constrói na prática essa atividade? Quais os fios condutores que levam à prática dessa atividade, que se tem flagrantemente evidenciado no contexto das iniciativas particulares em direção ao campo do social, ao encontro das necessidades sociais? Qual a abrangência dessas ações na sociedade? Por que algumas pessoas são voluntárias e outras não? Qual o significado de ser voluntário?

No campo das reflexões em que se situam essas interrogações, constatamos que este não é um tema tratado com interesse e profundidade nas análises sociológicas, sendo, portanto, um caminho ainda por ser percorrido e sujeito às dificuldades próprias desse tipo de empreendimento.

Diante do exposto, e também pelo silêncio que se faz ao redor dessa forma de atuação no social, propomos, neste estudo, um aprofundamento do conhecimento de senso comum existente sobre essa atividade, sob o enfoque de uma abordagem sociológica que vise a captar outros significados e propostas, que, acreditamos, estejam inseridos nessa ação. Assim, procuramos contribuir com o que possa configurar uma releitura*, e também uma redefinição do grau de importância conferido a esta ação na sociedade.

No campo das reflexões desenvolvidas, buscamos em Max Weber a idéia fundamental, exposta em sua sociologia compreensiva, da distinção existente entre uma atividade que possa significar simples comportamento coletivo ou

* Salientamos que não temos por objetivo, pelo menos neste momento, o estudo comparativo para discutirmos as similitudes e diferenças entre a ação do voluntário e outros tipos de ações na sociedade e se é essa uma ação mais eficaz, ou mesmo uma discussão comparativa entre ações caritativas e assistencialismo, não excluindo, contudo, a possibilidade de estudos posteriores serem realizados abordando esses aspectos.

simultâneo entre várias pessoas e aquele que se guia por um significado segundo outrem. Desta maneira, o sentido encerrado em uma determinada ação lhe confere a peculiaridade distintiva que a torna também uma escolha objetiva.

O pensamento desenvolvido por Alberoni e Veca (1990) veio ao encontro de nossa preocupação em relação a uma forma alternativa de pensar a composição das ações de caráter altruísta. Ao desenvolverem a tese sobre a moral racional, esses autores, distinguiram nela duas raízes: de um lado, o impulso representado pelos sentimentos de solidariedade; do outro, a razão que se encarrega da intuição, guiando o impulso de amor e generosidade.

A reflexão sobre o objeto deste estudo, sob o enfoque de uma ação determinada de modo racional e a presença de sentimentos altruístas, ao mesmo tempo em que auxiliaram a compor a estrutura da ação voluntária, não responderam por que algumas pessoas são voluntárias e outras não.

Pensadas como essencialmente desenvolvidas no cenário da cotidianidade, as ações voluntárias nos fizeram buscar em Agnes Heller (1989) o seu pensamento sobre o humano-genérico, propiciando desta forma o contexto através do qual foram pensadas essas ações no social.

A questão sobre a abrangência das ações voluntárias na sociedade, promovida pelas interações que se formam a partir dessa crescente forma organizativa que envolve direta ou indiretamente um número cada vez maior de pessoas com algum tipo de atividade voluntária, nos leva a crer que possa estar constituindo-se, sob a forma de rede, a extensão dessas atividades no social.

Neste enfoque, reportamo-nos ao estudo sobre redes realizado por

Scherer-Warren (1994) e por Loyola & Moura (1995), no sentido da utilização do conceito de redes nos diversos campos das ciências humanas.

Leituras complementares de Rosanvallon (1984), sobre este tópico, apresentam a reinserção dos indivíduos em redes de solidariedade direta como meio de restaurar o “desvio” existente entre o individual e o social. O autor evidencia a importância das redes subterrâneas a partir dessa forma de aproximação da sociedade de si mesma.

A princípio das abordagens referidas, apresentamos esse estudo dividido em cinco capítulos, sendo que o primeiro se refere à apresentação do trabalho e dos procedimentos metodológicos adotados na sua realização.

No segundo capítulo são apresentados os aspectos teóricos que serviram de base para o desenvolvimento do estudo sobre o significado do trabalho do voluntário.

O terceiro capítulo constitui-se dos registros bibliográficos encontrados sobre a ação voluntária em um contexto geral, e na sociedade brasileira em particular, desde o Brasil colônia.

Nessa oportunidade, foi possível constatar a carência de registros bibliográficos nacionais que revelassem dados específicos sobre o voluntário. A revisão bibliográfica se desenvolveu como que “resgatando” a ação voluntária inserida no contexto da história das associações civis. Frente a isto, pode-se perceber um dos motivos por que a figura do voluntário se torna quase “invisível” no montante das leituras realizadas, ou seja, pelo fato de ele se encontrar “absorvido” no que possa ser definido como um campo da ação voluntária na

sociedade. Os registros existentes se referem basicamente às associações e instituições e não ao trabalho do voluntário ou ao voluntário, o realizador dessa atividade no social.

Este terceiro capítulo apresenta também as associações e instituições nas quais os voluntários entrevistados realizam as suas atividades.

O quarto capítulo tem por objetivo apresentar como se realiza a prática da atividade voluntária no social, através da análise das vivências dos seus agentes.

O quinto e último capítulo expõe, a partir do discurso dos entrevistados, como se constrói a ação do voluntário, e os elementos que compõem a estrutura dessa atividade na sociedade.

Após o desenvolvimento dos tópicos relacionados, partiu-se para algumas conclusões sobre o significado de ser voluntário na sociedade, apresentadas no texto final.

1.2. Procedimentos Metodológicos

O trabalho de campo foi precedido de um mapeamento de associações civis que integrassem em suas atividades o trabalho do voluntário, e que estivessem localizadas em Florianópolis e São José, Estado de Santa Catarina. A escolha das entidades que compõem esse estudo se ateve, principalmente à questão da diversidade existente no campo de atuação dos grupos e associações aqui apresentados.

A pesquisa abrangeu o universo de seis associações civis entre grupos e instituições:

- 1) Centro de Valorização da Vida - CVV
- 2) Grupo Integrado de Obras Sociais - GIOS
- 3) Grupo de Voluntários Alfredo Daura Jorge - Hospital Celso Ramos
- 4) Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS - GAPA
- 5) Orionópolis Catarinense
- 6) Sociedade "Grupo Voluntárias da Esperança" - Hospital de Caridade

O trabalho de campo se realizou com a efetivação de contato com 32 voluntários, distribuídos equitativamente entre as instituições mencionadas. Os dados foram coletados através de entrevistas e questionários com perguntas fechadas e abertas, elaboradas com o objetivo de captar, através das vivências dos voluntários, as motivações que levam as pessoas a realizarem essa atividade e a permanecerem nesse tipo de trabalho, incluindo as relações e interações dela advindas.

A população pesquisada não obedeceu a critérios básicos, como sexo, idade ou escolaridade; contudo, observou-se um expressivo número de mulheres e uma tímida inserção da presença masculina. A variável tempo de atividade foi levada em consideração, no sentido de que o voluntário entrevistado tivesse, no mínimo, dois anos de permanente realização do trabalho, o que, no nosso entendimento, configuraria um atividade realizada de forma efetiva.

A pesquisa optou por dados qualitativos e não quantitativos, não se atendo a modelos estatísticos de representação.

Além das entrevistas realizadas e aplicação de questionários, durante o período de levantamento de dados foram efetuadas visitas aos grupos, acompanhamento do desenvolvimento das atividades, participação em reuniões e encontros festivos, como Dia do Voluntário, confraternização de Natal, de Páscoa, além da participação em seminários e palestras.

Estudos similares desenvolvidos sobre esse campo de atividade se mostraram bastante restritos. Os trabalhos dos quais tivemos conhecimento abordando o tema referem-se a estudos de casos, como por exemplo: "Voluntários de Obras Sociais Filiadas à Cáritas" (Daga et. al., 1972) e "Um Conceito de Voluntário em Serviço Social", realizado na Fundação Legião Brasileira de Assistência Pública" (Araújo, 1981), ambos ligados à área do Serviço Social.

O presente estudo, deste modo, tem por objetivo apreender o significado do ser voluntário, acreditando identificar, nesta ação, uma forma alternativa concreta de participação consciente e espontânea dos indivíduos na construção do social.

II. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DE UMA ANÁLISE

Diante das reflexões anteriormente realizadas, partimos do pressuposto que a ação voluntária traz em si a semente de um remodelado tipo de conduta participativa, apresentando em sua base uma textura que nos impõe uma releitura do significado desta atividade no social.

Assim sendo, acreditamos que as pessoas continuam a agir guiadas por uma *"vontade íntima de ajudar o próximo"*. Contudo, a prática desse *"desejo"* não representa unicamente a expressão de impulsos intuitivos, sem objetivos visados, mas sim, verdadeiramente, perspectivas concretas de construção do social.

A hipótese apresentada é de que ser voluntário significa uma escolha, uma opção que o indivíduo faz por efetivar a sua participação na construção do social.

Ser voluntário significa adotar um comportamento sabendo que isso vai implicar mudanças, que através de suas ações, de suas atividades, poderá tornar a vida das pessoas menos ruim.

Originalmente impulsionada pelos sentimentos de solidariedade, é esta uma ação consciente e politizada que pode ser analisada em termos de um projeto de construção social. A ação do voluntário representa o meio e a expressão através da qual o indivíduo exterioriza a sua condição de partícipe, produtor e construtor no campo do social.

Nesta linha de raciocínio, o estudo se propõe a partir da compreensão dos elementos constitutivos da ação voluntária, apresentar, de forma atualizada, o significado de ser voluntário na sociedade.

2.1. As ações determinadas de modo racional

Partimos inicialmente do ponto em que a ação do voluntário, distante de ser algo que é “feito por fazer”, contém um enfoque significativo, o “sentido subjetivamente visado” a que se refere Weber (1994).

A nossa análise comporta, inicialmente, compreender o caminho percorrido pelos agentes até o desenvolvimento dessa ação e os fins que os motivam.

Max Weber (1994) identifica a ação como um comportamento humano (interno ou externo, de fazer ou mesmo de não fazer algo), existente e na medida que o agente o relaciona com um sentido subjetivamente visado.

Contudo, nem todo tipo de ação é ação social.

“A ação social (incluindo omissão ou tolerância) orienta-se pelo comportamento de outros, seja este passado, presente ou esperado como futuro (vingança por ataques anteriores, defesa contra ataques presentes ou medidas de defesa para enfrentar ataques futuros)” (Weber, 1994:13).

A ação social inclui o sentido visado referente ao comportamento dos outros e por ele orientado, no desenvolvimento de algo projetado ou objetivado. O sentido subjetivamente visado pode ser encontrado em uma dada situação no exemplo de um caso historicamente dado ou por um agente ou por uma quantidade de casos dados pelos agentes.

A forma pela qual nos conduzimos para a análise deste estudo se refere ao sentido subjetivo do agente, que possa ser identificado como perspectivas e finalidades existentes nas ações dos voluntários.

Weber (1994) denomina, de uma evidência no campo da ciência, a compreensão das ações em seu caráter racional (lógica ou matemática), ou intuitivamente compreensiva (emocional, receptivo, artístico).

Mais fácil de evidenciar, lembra o autor, são as interpretações racionalmente orientadas por um fim, nas conexões de sentido, existentes e demonstradas, por exemplo, nas operações matemáticas. O que Weber ressalta é a dificuldade de não conseguirmos a plena evidência, ou seja, compreendermos alguns dos fins últimos e valores, pelos quais possam estar orientando-se as ações de uma pessoa. Neste ponto, procuramos tornar inteligível, para o objetivo deste estudo, o “sentido subjetivamente visado”, existente nas ações voluntárias, segundo os agentes que a realizam, buscando interpretá-lo com um grau de maior aproximação possível da realidade.

Para Max Weber, uma determinada maneira de agir se torna uma atividade quando quem a realiza lhe imputa um “sentido subjetivo”, e uma atividade social passa a ser considerada como tal quando contém um significado em relação a outrem. Portanto, para que isso ocorra, depende-se de uma ação ocorrida entre duas pessoas, uma comunicação, mas somente a partir de um significado é que há uma relação social entre elas. Desta forma, a ação social em Weber está sempre voltada para o outro.

A elevação do sentido (racional ou irracional) da ação à consciência dos agentes, segundo o autor, é algo que ocorre apenas ocasionalmente, pois o agente mais “sente” de forma indeterminada do que sabe ou tem clara idéia dele.

Cada ação, segundo o autor, contém um sentido e determina a relação, a partir do estabelecimento de um vínculo, criado tão necessariamente, e compreendido através da atividade empírica. Para o desenvolvimento da análise deste estudo, sob esta perspectiva, utilizamos como referências a ação social determinada de modo racional referente a valores, e a ação social determinada de modo racional referente a fins, desenvolvidas por Max Weber (1994), servindo-nos desses instrumentais de análise para "auscultar", as motivações presentes nas ações voluntárias.

A ação social determinada de modo racional referente a valores tem por característica principal utilizar para o seu desenvolvimento, a convicção de quem a realiza.

"Age de maneira puramente racional referente a valores quem, sem considerar as conseqüências previsíveis, age a serviço de sua convicção sobre o que parecem ordenar-lhe o dever, a dignidade, a beleza, as diretivas religiosas, a piedade ou a importância de uma "causa" de qualquer natureza" (Weber: 1994:15).

Esta é uma atividade realizada como um cumprimento de "exigência" ou "mandamento" que o indivíduo supõe piamente estar diretamente ligado a ele, e apresenta, em comum com a ação afetiva, o fato de o sentido da ação não estar *"no resultado que a transcende, mas sim na própria ação em sua peculiaridade"* (ibid). Nesta atividade o indivíduo se coloca à disposição de um valor com o sentido de um "dever".

A ação social de modo racional referente a fins se caracteriza por maior evidência racional, no sentido de apresentar uma avaliação reflexiva entre o fim almejado e os meios adequados para alcançá-lo.

“Age de maneira racional referente a fins quem orienta sua ação pelos fins, meios e conseqüências secundárias, ponderando racionalmente tanto os meios em relação às conseqüências secundárias, assim como os diferentes fins possíveis entre si: isto é, quem não age nem de modo afetivo (e particularmente não-emocional) nem de modo tradicional.” (Weber, 1994:16).

Weber denomina a construção de uma ação orientada por um fim, de maneira estritamente racional, como um tipo (ideal) que permite compreender a ação real na sua totalidade e com suas influências (não estritamente racionais). O tipo ideal é, desta forma, apresentado pelo autor como representativo de uma ação orientada por um fim de maneira puramente racional, mas possibilitando compreender os “desvios”, existentes e passíveis de existir no estudo de um caso de comportamento puramente racional, onde este é utilizado unicamente como um instrumento metodológico.

As vivências nesta forma comportamental são as bases para uma realística previsão dos fins objetivados e não uma simples adaptação a uma dada situação, visto que, desta forma, são consideradas as diversidades, os antagonismos, enfim, a série de percalços que poderiam inclusive transcender o alvo almejado.

Por ser esta uma definição exclusivamente de tipo ideal, está sujeita a certas variações.

Pode ocorrer que, por um ditame de necessidades, o fim seja imposto sem chance de desvio. *“A decisão entre fins e conseqüências concorrentes e incompatíveis, por sua vez, pode ser orientada racionalmente a valores”*. Neste sentido a atividade somente pode ser *“racional com referência a fins no que se refere aos meios”* (ibid).

Um outro caso pode ser o fim se impor por uma ação social de modo racional referente a valores, podendo ser expressa na forma de “mandamentos” ou “exigências”. Neste sentido específico, a atividade racional voltada para fins *“pode simplesmente aceitar os fins concorrentes e incompatíveis como necessidades subjetivamente dadas e colocá-los numa escala segundo sua urgência ponderada, orientando sua ação por essa escala, de modo que as necessidades possam ser satisfeitas nessa ordem estabelecida (princípio da utilidade marginal)”* (ibid).

Assim, a nossa análise se propõe identificar na atividade voluntária ações sociais determinadas de modo racional referentes a valores e referentes a fins, desenvolvidas por Weber (1994:12/15/16), e utilizadas neste estudo como ferramentas de auxílio no campo das reflexões das análises desenvolvidas.

Neste campo de referencial da análise do objeto estudado, ressalta-se, do pensamento de Weber, a assertiva de que não existe nenhum sistema que tenha a capacidade de reunir totalmente a realidade, como também não existe um conceito capaz de reproduzir totalmente o campo das diversidades em que se situa um fenômeno específico. Deste modo, buscaremos, através da análise do significado da ação do voluntário, o conhecimento do “significado interpretador” das ações frente aos referenciais propostos, visualizando a tendência aos tipos puros aqui apresentados.

2.2. Um outro elemento presente nas ações voluntárias

Ao refletirmos sobre uma atividade realizada pelas pessoas em prol de outrem, onde estão presentes pensamentos de querer “ajudar” ou de “ser útil”, ou de fazer alguma coisa por alguém, identificamos, além de uma finalidade a partir dessas ações, também a presença da generosidade, da bondade e da paixão.

No entanto, a nossa proposta neste estudo supõe que, além da existência de sentimentos de solidariedade, as ações dos voluntários expressam uma racionalidade própria que, conjugada com os sentimentos de caráter altruísta, fazem parte do significado desta ação na sociedade.

O estudo desenvolvido por Alberoni e Veca (1990), no livro *“Altruísmo e Razão”*, referente ao papel da moral racional presente na sociedade moderna, se apresentou como uma forma possível de pensarmos sobre a racionalidade presente em ações desenvolvidas com o sentido de minorar o sofrimento alheio, e, de um modo mais específico, nas atividades desenvolvidas pelos voluntários.

Qual o sentido existente em ações como as que levam determinadas pessoas a realizarem um trabalho que tem por principal objetivo “*ser útil*” e “*ajudar ao próximo*”, com “*maior conscientização das dificuldades e necessidades das outras pessoas*”, conforme nos foi relatado nas entrevistas?

O cotidiano nos tem demonstrado, de variadas formas, desde as simples ações de vizinhanças, que continua a existir a preocupação das pessoas umas com as outras e também com a coletividade.

A esta forma de pessoas vivenciarem a realidade, Alberoni e Veca (1990) relacionaram a existência de uma moral moderna que, diferente da moral antiga, é composta por duas raízes: o impulso e a razão. A razão é que guia os sentimentos altruístas a bom termo, transformando-os em atividades eficazes.

Para os autores, o que diferencia a moral moderna da antiga é o fato desta ter podido ser condensada e apresentada em tábuas da lei, ou expressa por significados religiosos encerrados em livros como o Talmude, o Evangelho, o Corão ou através de filosofias como as contidas em obras de Aristóteles, de Santo Tomás, de Hegel, o que atualmente não é mais possível (Alberoni e Veca, 1990:11).

Desta forma, a moral moderna prescinde de antigos preceitos divinos, e não mais se encontra encerrada em livros, ou cerceada por dogmas.

Segundo Alberoni e Veca, a moral está nos indivíduos representada pela sua capacidade de amar e renasce seguidamente através do dilema que resulta de um determinado momento e de uma determinada escolha, decorrentes de vivências e experiências marcantes ocorridas nos níveis pessoal e coletivo. Conseqüentemente, segundo os autores, o raciocínio moral proporciona um olhar sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos.

Assim, no raciocínio moral, aprendemos a ver além dos próprios interesses, despertando para os interesses dos outros, é também quando temos a coragem de abrir mão de nossas particularidades em prol do "outro", do "semelhante", do "qualquer um".

Representando um ente da nossa relação com os demais, a moral, segundo Alberoni e Veca, é dotada de dois estágios: o primeiro que expressa quando saímos de nós mesmos, e o segundo quando nos encaminhamos ao encontro do outro e permanecemos ao lado dele também.

É através desta reflexão que não mais necessita a moral moderna de “*tábuas da lei*”, pois que se faz presente em cada momento em que ocorre um dilema moral, quando precisamos fazer uma determinada escolha, entre coisas que para nós têm valor. A moral funciona dessa forma, como equalizador de nossas ações em relação aos outros, é o que vai “pensar” a nossa relação com os homens em geral.

Alberoni chamou de “*estado nascente*”* o momento da descoberta, da verdade, da vivência plena de determinado momento capaz de provocar mudanças na vida do indivíduo e dos grupos. O autor identifica esse momento como um encontro com o “absoluto”, capaz de criar uma solidariedade alternativa que proporciona uma nova perspectiva de recompor o tecido social perdido.

No que se refere aos sentimentos altruístas existentes em todos os indivíduos, isto ocorre, segundo os autores, devido à nossa capacidade de amar, enfatizada pela presença de uma “*moral cristã do amor*”.

*“Estado nascente” é definido por Alberoni mais especificadamente no livro “Gênese”, como “*momentos extraordinários nos quais o novo dia parece estar anunciando um futuro radioso, uma existência incrivelmente diferente, mais verdadeira e mais intensa do que aquela que nos coubera até então*”. O autor se refere a esse momento como uma “*exploração da fronteira do possível com o fim de maximizar aquilo que, da sua experiência e da sua solidariedade, pode ser realizado naquele momento histórico*”(1991:36/38).

O sentido da palavra amor, elemento constantemente presente no discurso dos entrevistados e que consideramos importante e necessário para a análise do nosso objeto de estudo, é explicado por Alberoni e Veca (1990) através de Anders Nygren em sua obra sobre o mundo moderno, que o apresenta como formado de duas maneiras. A primeira se refere a um conceito de origem grega, o Eros, no qual *"amor e valor estão intimamente ligados"*, sendo esta uma forma contrária ao sentido dado ao amor ágape, que se refere ao amor que vem de Deus para o homem, e que prescinde do valor.

O amor ágape* é espontâneo, não necessita de motivo ou referência para existir, ama-se por amar, simplesmente.

Desta maneira, a fraternidade, a solidariedade e o amor são considerados como tendo uma existência própria na sociedade, independente da razão. Todavia, segundo os autores, a razão desempenha papel preponderante no encaminhamento desses sentimentos a práticas efetivas.

Do exposto, observa-se que, se o amor indica o caminho pelo qual se deve pautar os objetivos das pessoas, por mais difícil que seja alcançá-los, o meio para que isso seja possível *"torna-se a tarefa da razão"*.

*A exemplificação do amor-ágape é apresentado pelos autores como o amor de mãe por filho, um amor que não impõe regras, condições, vantagens, beleza (a mãe ama o filho mesmo que ele não seja bonito), ou reciprocidade (a mãe não exige que o filho a ame, basta-lhe amá-lo). Sendo este entre as formas existentes de amor, o que mais se identifica com a exigência "racional e universal da moral".

A moral moderna nasceu da reflexão racional sobre o mandamento de amar ao próximo, não mais vivenciada sob uma condição básica ou de normas ou dogmas, sobre os quais fosse possível debruçar-se, mas sim sobre a razão, que atua no modo e na condução das ações das pessoas, e suas escolhas. Assim, somente a partir do surgimento da razão é que a moral desponta.

É desta forma que do encontro entre o altruísmo e a razão nasce a moral racional, a moral moderna que, segundo os autores, é apresentada como o fruto do “*alargamento emocional e garantida pela razão*”.

Além da raiz da moral cristã, até aqui referida, os autores apresentam também a outra raiz da moral, a racionalidade.

: *“sem racionalidade a revelação pode tornar-se delírio, o impulso generoso, ação insana e nociva. Só existe moral se a racionalidade se encarrega da intuição e leva a bom termo o impulso de amor e generosidade”*(Alberoni e Veca, 1990:13).

A teoria desenvolvida por Alberoni e Veca (1990) apresenta o utilitarismo* desenvolvido por Bentham para demonstrar uma forma de entender a ética como uma das raízes da moral racional; a outra forma é através do pensamento de Kant.

* O utilitarismo, no sentido de útil, em proveito de todos, na forma de maior utilidade possível ao maior número de pessoas. “O problema, porém, não é apenas satisfazer as necessidades dos outros, mas sim satisfazê-las de forma racional. Em vista disso, Bentham apresenta ao leitor, de maneira drástica, o conhecido ‘princípio de utilidade’”. Princípio de utilidade em Bentham significa que “cada um de nós, como indivíduo, possui um conjunto mais ou menos coerente de projetos, e a realização destes projetos representa a sua utilidade ou felicidade” (op.cit.39).

"Bentham constrói uma ética normativa, isto é, um conjunto de regras que devem guiar a nossa conduta individual e coletiva - partindo do princípio de que cada um de nós prefere ver satisfeitos os seus escopos, os seus desejos, os seus ideais, as suas preferências, antes de vê-los frustrados"(op.cit. 39).

A preocupação de Bentham era atingir um meio de detectar os problemas e as necessidades das pessoas. O utilitarismo desenvolve a noção de *"cada um-qualquer um - todos.***

Segundo Alberoni e Veca, para Bentham.

"a moral nasce de uma tensão altruísta administrada racionalmente para aumentar a felicidade e diminuir a dor, a angústia e a miséria". (op.cit.49)

Observado sob o olhar de uma moral racional, o levantamento real das necessidades e desejos inseridos no utilitarismo conjuga o princípio de que o indivíduo é o único capaz de avaliar os seus interesses e necessidades.

Escrevem Alberoni e Veca que, enquanto Bentham desenvolveu a idéia da ética na racionalidade aplicada aos desejos e metas dos indivíduos, Kant apresentou que *"é possível encontrar princípios morais capazes de governar a nossa conduta recíproca como seres humanos, partindo apenas da simples razão"(op.cit.:46).*

** "A idéia fundamental do utilitarismo é que as sociedades têm a obrigação de não desperdiçar a felicidade possível, e sim, ao contrário, torná-la máxima"(op.cit.43/44).

Para Kant, os homens se assemelham e têm em comum a racionalidade excluindo tudo que para Bentham é utilizado para justificar o utilitarismo, como desejo, impulsos, ideais. Desse modo, o ser racional escolhe a si mesmo, embuido de valor e moral própria, constituindo-se o construtor de si mesmo, dotado da capacidade de escolher quem quer ser.

Desde Kant e Bentham, tem sido buscado um caminho “*no qual a moralidade dependesse da racionalidade, da razão*” por uma forma que pudesse expressar um meio que tornasse possível “*transformar as razões externas dadas pela teoria em razões internas, que regulam a nossa conduta*”, relatam os autores (op.cit.:52).

Neste contexto, Alberoni e Veca desenvolveram o que chamaram de “*moral racional*”, nascida historicamente do impulso altruísta religioso, e guiada pelo amor divino, o amor ágape; contudo, a moral somente aparece quando surge a razão, pois a “*razão entrando em contato com o altruísmo, transforma-o, muda a sua natureza e torna-o moral*” (op.cit.58).

A importância da racionalidade presente nas ações sob o impulso do amor é assim exemplificada pelos autores:

“... o impulso amoroso da mãe que abraça o filhinho não será, na verdade, altruísmo se, de tanto apertar, ela chegar a sufocá-lo. Se, para abraçá-lo e mimá-lo, ela não o desmamar nem o deixar crescer (op.cit. 84).”

O que é, portanto, a essência da ética racional para os autores senão uma reflexão racional dos indivíduos sobre a forma de se conduzirem e de minorarem as dificuldades e sofrimentos daqueles a quem consideram seus semelhantes?

Ao contrário de significar uma renúncia do indivíduo de si mesmo, a moral sugere a conjugação entre indivíduos, uma vinculação dele com os outros e a adoção da solidariedade ao invés do egoísmo.

A tese da moral moderna defendida por Alberoni e Veca expressa que sabemos avaliar o nosso comportamento e os meios pelos quais podemos agir em relação aos outros, visto sermos os únicos condutores e os responsáveis por nossas escolhas, e conhecedores do sentido dado às nossas ações.

A moral racional é assim apresentada como parte integrante dos indivíduos e dotada de racionalidade condutora dos impulsos altruístas, que, ao transcender o ponto de vista pessoal, exalta a capacidade própria do homem de amar e ser responsável por suas escolhas, assumindo esse a disposição de se voltar para o outro. Mesmo que a solidariedade, a fraternidade, o amor tenham existência própria na sociedade, é a razão quem conduz os impulsos altruístas ao alcance de objetivos visados por seus agentes. Ela se faz presente nos indivíduos e se reflete em ações racionais. Por isso, os sentimentos de amor e de solidariedade, sem a presença da razão são reduzidos, segundo os autores, a atividades destituídas de inteligência e racionalidade.

O contexto geral da teoria aqui apresentada sobre a moral racional vem ao encontro da nossa reflexão, que supõe que não vagueia o altruísmo sozinho, mas sim em companhia de uma racionalidade que conduz as ações de caráter altruístas a práticas efetivas.

Assim, sob as vistas da teoria da moral racional na sociedade moderna aqui apresentada, nos conduzimos à questão seguinte, que tem por objetivo

compreender o que leva as pessoas a exercitarem, através de ações práticas e efetivas, neste caso específico, o trabalho voluntário, a ética racional, a ética moderna, da qual nos fala Alberoni e Veca.

2.3. A ação voluntária na vida cotidiana

Pensarmos no fato da ação voluntária ser uma atividade inserida no dia a dia de algumas pessoas e de outras não, levou-nos a buscar compreender esta questão, no contexto do cotidiano.

É no cotidiano, segundo Agnes Heller, que o homem vivencia, em todos os aspectos, a sua individualidade e personalidade. É nele também que são colocados em funcionamento todos os sentidos, capacidades (intelectuais e manuais), paixões, ideais e ideologias (Heller, 1989:17).

É também a vida cotidiana, em sua significação, heterogênea (quanto ao seu conteúdo e à importância dada às atividades que a compõem) e hierárquica (quanto ao posicionamento dos seus elementos). Entretanto, segundo a autora, se a heterogeneidade em sua "forma concreta" é imutável e constante, o mesmo não ocorre com a hierarquia, cabendo ao homem a possibilidade de intervir na escala hierárquica.

Segundo Agnes Heller (1989), o homem nasce inserido e faz parte da cotidianidade, como ser particular e ser genérico.

"O indivíduo (a individualidade) contém tanto a particularidade quanto o humano-genérico que funciona consciente e inconscientemente no homem" (op.cit:22).

A particularidade individual humana se expressa e se materializa através da satisfação das necessidades do eu, vivenciadas na forma de fome, dores (físicas e emocionais), desejos, paixões e afetos. No ser genérico, a pessoa se identifica com o que passa a seu redor, além do seu ser particular. Neste momento, ele não se sente mais um ser "individual", mas um agente consciente capaz de intervir na realidade.

Para Agnes Heller a cotidianidade é acima de tudo uma instância de reprodução social, apresentando uma estrutura tendencialmente alienante*, porque o indivíduo não toma consciência do que faz, e principalmente porque o fazer não é uma escolha sua. Fazem parte da cotidianidade: os atos impensados, as ações repetidas, os atos que o ritmo do cotidiano impele para que sejam feitos. Mas isso não quer dizer, ressalta a autora, que não possa haver mudanças. O que Agnes Heller diz é que existe uma impossibilidade própria humana de o indivíduo tornar consciente toda a sua cotidianidade, mas que pode enriquecê-la, sobretudo quando se "abre" para o campo do humano-genérico.

O mundo cotidiano é, deste modo, apresentado como bipartido, onde a tendência da maioria das pessoas é permanecer na cotidianidade, embora algumas, por uma escolha racional, passem a vivenciar o humano-genérico.

* Alienação significa, para Agnes Heller, quando o indivíduo não se sente co-produtor do mundo, quando, por exemplo: o mundo avança "X" e isso não tem nada a ver com o indivíduo. A alienação tanto pode ser daqueles que não se interessam como pode ser daqueles aos quais falta uma consciência.

A opção pelo “humano-genérico” é apresentada pela autora como uma escolha que o indivíduo faz, de sair da sua particularidade, da cotidianidade, e se tornar um agente no mundo. Em um movimento consciente, o indivíduo se volta para o que ocorre ao seu redor, momento em que o voluntário se volta para a compreensão do sofrimento alheio, vivenciando, desta forma, as mudanças advindas dessa escolha.

Toda vez que o indivíduo se assume como um dos responsáveis pelos destinos do mundo, ele está partindo para o humano genérico.

“As exigências e normas da ética formam a intimação que a integração específica determinada (e a tradição do desenvolvimento humano) dirige ao indivíduo, a fim de que esse submeta sua particularidade ao genérico e converta essa intimação em motivação interior” (op.cit:23).

Para Agnes Heller, a ética (que a autora chama também de moral) vai ser aquela instância em que a pessoa vai sentir-se chamada mais propriamente para o humano genérico e à qual vai submeter a sua particularidade. A moral se incumbe de inibir as ações particulares em prol das coletivas, no sentido de impedir que o indivíduo se “fixe” à sua particularidade.

“Quanto maior é a importância da moralidade, do compromisso pessoal, da individualidade e do risco (que vão sempre juntos) na decisão acerca de uma alternativa dada, tanto mais facilmente essa decisão eleva-se acima da

cotidianidade e tanto menos se pode falar de uma decisão cotidiana”
(*op.cit.*24).

A moral só existe em relação aos outros, está sempre referindo-se e refletindo-se, como algo que ao mesmo tempo que tem a ver com o indivíduo, tem a ver com a sua relação exterior com os demais indivíduos, servindo de mola propulsora no deslocamento do ser particular para o ser genérico.

“Quanto mais intensa é a motivação do homem pela moral, isto é, pelo humano genérico, tanto mais facilmente sua particularidade se elevará (através da moral) à esfera da genericidade” (ibid).

Segundo Agnes Heller, o indivíduo tem uma tendência inercial de continuar no individualismo, e de repente a moral do indivíduo (que quanto mais forte, mais representativa), vai fazer o chamado, a “intimação”. A moral neste caso é o que vai despertar o indivíduo para a consciência social, para o humano genérico, funciona a moral à maneira de um impulsor que vai fazer com que o indivíduo se identifique de uma vez por todas com a sociedade.

A autora deixa claro, contudo, que as pessoas não conseguem romper totalmente com a sua cotidianidade e com sua particularidade, para permanecerem no humano-genérico, e tampouco é pedido ou necessário que o faça. O que as palavras da autora sugerem é que o indivíduo transite com frequência pelo humano genérico, a fim de que não se sinta tão pequeno.

É no humano-genérico que, ao invés de se identificar preponderantemente consigo mesmo, com o seu ser particular, ou com o seu modo individual na vida cotidiana, o indivíduo vai identificar-se com o "outro", enquanto espécie humana, enquanto mundo. Nesse momento ele assume a sua forma perante si mesmo, decidindo tornar-se um agente no mundo, diferente de ser um reprodutor desse mundo. É também no humano genérico que o indivíduo se identifica e se reconhece enquanto ser que participa ou não do progresso da humanidade, é onde ocorre a conscientização de que o indivíduo não é simplesmente um elemento que se move devido a uma engrenagem, mas sim que ele é a própria engrenagem, que faz o mundo se mover.

O indivíduo vivencia o humano genérico quando se sente participante das mudanças pelas quais o mundo passa, quando se sente parte de um mundo maior, um mundo elevado da cotidianidade.

Mesmo que o indivíduo nunca desperte (para o humano genérico), ele nunca vai abdicar desse seu lado, visto que isto faz parte da própria essência do ser humano, porque este não é simplesmente ser particular, mas é também membro do mundo. O que ocorre é que a vida cotidiana tende a fazer, em sua maior parte, com que as pessoas deixem de ser um membro do mundo e passem a ser membro somente de suas vidas.

No contexto geral, Agnes Heller apresenta o homem como agente capaz de intervir na composição da escala hierárquica, podendo, assim, submeter a sua particularidade em função do humano-genérico, ou seja, o egoísmo em favor do bem comum, a individualidade em prol da solidariedade, ordenando ou

reordenando à sua maneira as atividades heterogêneas da vida cotidiana. É isto que a autora, ao utilizar as palavras de Goethe, chama de “condução da vida”, na forma de uma “construção da hierarquia da cotidianidade efetuada pela individualidade consciente” (op.cit:40).

2.4. A extensão do trabalho do voluntário sob uma perspectiva de rede

A reflexão sobre a existência de entrelaçamentos e articulações na busca de caminhos comuns de benefícios para a sociedade, a partir das ações voluntárias, remete-nos à análise do significado dessa atividade no social, sob o prisma de constituição de redes.

O conceito de redes, atualmente utilizado de maneira cada vez mais extensiva em diversos campos de estudos visando ao entendimento de diferentes fenômenos, fornece o ângulo para a análise das interações que se desenvolvem na realidade social a partir do trabalho voluntário, seja pelo ponto de vista das ramificações ocorridas a partir de determinada atividade organizativa formal, seja através das articulações que ocorrem via família, amigos, trabalho, entre outros.

A palavra “rede” tem seu significado descrito por Aurélio* como sendo um *“entrelaçamento de fios, cordas, cordéis, arames, com aberturas regulares fixadas por malhas, formando uma espécie de tecido”*.

*Dicionário Básico da Língua Portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Podemos hipotetizar, a partir deste conhecimento, a rede como sendo uma estrutura formada por pequenos nós (elementos, grupos) desiguais, mas comprometidos uns com os outros (por interesses comuns) em espaços regulares.

A adoção do conceito de rede, como já nos referimos, tem expandido a sua operacionalização aos diversos campos de análise e de um modo específico aqui referenciado, ao estudo dos fenômenos sociais sendo utilizada principalmente por sociólogos e antropólogos.

Como se organiza uma rede, qual a sua formatação estrutural em função da nossa proposta de análise complementar, em relação às ações voluntárias na sociedade?

No campo da Antropologia, as redes primárias recebem destaque por configurarem as especificidades das relações e interações entre indivíduos e de determinados grupos sociais. No campo da Sociologia, o destaque é dado às redes sociais no sentido de expressar as diversas relações que se desenvolvem a partir de organizações coletivas, entre outras.

Na contextualização operacional do uso de redes sociais sob o enfoque de uma abordagem antropológica, Scherer-Warren (1994) ressalta dois sentidos principais.

Um primeiro sentido apresenta a rede como parte da estrutura organizacional social. Uma inter-relação a nível de dependência constitui e integra o sistema social, sendo a rede a causa não somente da ligação entre pessoas, mas também a causa das interações próprias dessa constituição, se

configurando esta, segundo a autora, numa caracterização sistêmica apresentada por Radcliffe Brown (1952).

No outro sentido, a rede se apresenta como resultante de relações de convívio, provocada por situações já existentes como família, amizade, trabalho, hobby, interesses, consideradas relações “semi formalizadas”, sem um caráter constitutivo permanente, e que não responde pela formação sistêmica. Neste caso, o conceito de rede é utilizado como instrumento de análise para operacionalizar conexões “*decorrentes de aspectos sistêmicos pré-existentes*”, conforme pensamento de Barnes (1969), cita a autora.

O debate realizado por Loyola e Moura (1995) destaca os sentidos e noções dadas às categorias de redes existentes, e apresenta um painel das similitudes e diferenças entre os campos onde essas redes se estabelecem, bem como sua interioridade formativa.

Sob o enfoque do interesse da análise aqui proposta, destacamos deste estudo o que se refere à formação de rede no campo das relações interpessoais e no campo dos movimentos sociais.

Enquadram-se no campo das relações interpessoais as denominadas redes primárias, redes naturais, redes submersas e também as redes de comunicação.

“Para os trabalhos que têm por foco o indivíduo, a Rede constitui-se através de interações visando a comunicação, a troca e a ajuda mútua e emerge a partir de interesses compartilhados e de situações vivenciadas em

agrupamentos ou localidades - a vizinhança, a família, o parentesco, o local de trabalho, a vida profissional etc.” (Loyola e Moura; 1995, mimeo).

É no campo dos movimentos sociais que se encontram as redes de movimento, redes sociais e redes de solidariedade. O sentido de rede é, neste momento, caracterizado em relação às articulações e interações existentes entre atores coletivos e individuais, ligados a ações e movimentos de caráter reivindicatório, visando alcançar os objetivos voltados para a obtenção de recursos, troca de experiências, criação e implementação de projetos com fins políticos.

Apresentam também Loyola & Moura um quadro das noções associadas ao conceito de rede no campo interpessoal e de movimento social. Neste esboço, a rede no campo interpessoal é formada somente por indivíduos e se caracteriza por informalidade, interesses e valores comuns, troca/ajuda mútua e confiança/cumplicidade. No campo dos movimentos sociais, a rede é formada por ONGs, organizações populares, grupos, atores políticos, associações profissionais, sindicatos, apresentando uma pluralidade/diversidade de atores, e tem por características a informalidade/pouca formalidade, interesses e projetos políticos/culturais coletivos, mobilização de recursos/intercâmbio e solidariedade/cooperação/ conflito. Apresenta a rede no campo interpessoal em comum com a rede dos movimentos sociais, as interações horizontais (sem hierarquia), mudanças/flutuações, engajamento voluntário e racionalidade comunicativa/instrumental (Loyola & Moura, vide quadro I, mimeo, 1995).

A importância dada à existência e à formação de redes e o papel que passam a desempenhar, também em outros campos, nos leva à colocação feita por Rosanvallon (1984), sobre o funcionamento da sociedade francesa a par da crise do Estado-providência.

Para o autor, o funcionamento da sociedade só se torna possível *“porque contraria de fato, mesmo parcialmente e de modo limitado, a plenitude do esquema individualista através do qual se representa”*. Ao procurar dar destaque às interações que se tecem no campo societal, cita Agnès Pitron como um dos sociólogos que ressalta a importância das redes subterrâneas de solidariedade familiar. Sintetiza o autor: *“são todas estas formas de socialização transversais, que vão da associação formalizada à ação comum informal para obter serviços, que podem permitir reencaixar a solidariedade na sociedade”* (Rosanvallon, 1981:96/97).

A partir de uma concepção significativa da ação do voluntário na sociedade, o referencial exposto visa a fornecer, sob uma perspectiva de rede, um suporte para a reflexão por nós proposta sobre a extensão dessas práticas sociais na sociedade.

Em relação à nossa proposta de análise do objeto deste estudo, procuramos, através do exposto, fundamentar nossa discussão, tendo por caminho de exploração os estudos desenvolvidos por Weber, Alberoni e Veca, Agnes Heller, Scherer-Warren e Loyola & Moura.

A partir de Weber, buscamos referir nossa reflexão sobre a interpretação da ação determinada de modo racional. Os tipos puros desenvolvidos por esse autor favoreceram a exploração do significado da ação do voluntário na

sociedade. A teoria sobre a moral racional no mundo moderno, desenvolvida por Alberoni e Veca, ajudaram a refletir sobre nossa proposta da existência também de racionalidade nas ações realizadas sob o prisma da solidariedade. A ação do voluntário, pensada sob esses aspectos, auxiliou-nos a compor os elementos da estrutura dessa ação, contudo permanecia a questão: por que algumas pessoas são voluntárias e outras não? Agnes Heller veio em nosso socorro, conduzindo-nos a reflexões sobre o homem e as esferas do cotidiano e sua escolha como co-partícipe e construtor do social. Ao final, Scherer-Warren e Loyola & Moura nos auxiliam sobre a questão de serem as ações voluntárias pensadas na forma de redes, criadas através das articulações e dos vínculos coletivos existentes a partir dessas ações na sociedade.

III. CAMINHOS DO VOLUNTARIADO

3.1. História e Trajetória

A tendência das pessoas a se associarem ou a se organizarem movidas pelos mais distintos motivos é algo que se evidencia ao longo da história da humanidade. Um dos modelos de associação criada com o objetivo de “prestar ajuda” como um exemplo de assistência associada a noção de caridade, é registrada pela presença das confrarias. Elas existiram nos mais diferentes pontos do mundo antigo, com origem nas “*Confrarias do Deserto*”, surgidas 3.000 anos antes de Cristo, com objetivo de auxiliar as caravanas no deserto. Num período posterior, na época pré-cristã, as confrarias estenderam suas atividades às cidades, também com o intento de ajudar a minorar os mais diversos sofrimentos pelos quais as pessoas passavam.

“A ajuda, nessa fase da história da humanidade, concretiza-se na esmola esporádica, na visita domiciliar, na concessão de gêneros alimentícios, roupas, calçados, enfim, em bens materiais indispensáveis para minorar o sofrimento das pessoas necessitadas” (Martinelli, 1987:84).

O cristianismo, estabelecido como religião oficial do império pelo Decreto de Milão, fruto da conversão do imperador romano Constantino, em 313 d.C., consolida a fé cristã, traçando novos rumos nas relações sociais da época

(Oliveira, p.115). Um desses rumos fez a caridade, antes pensada somente como ajuda material, revestir-se de sentido e valor, acrescentando-lhe uma assistência de cunho espiritual.

Dessa forma, situa-se, desde os primórdios da humanidade, a prática da caridade cristã ligada a um fundo espiritual, no sentido religioso de assistência. Com a organização e expansão da Igreja, essa tarefa foi "*delegada aos diáconos - membros leigos da Igreja - e logo em seguida estendida às confrarias*" (Martinelli, 1987:85).

Através dos tempos, a prática caritativa, pode ser exemplificada pela história do jovem João Bernardoni, em 1208, comumente conhecido pelo nome de Francisco, que pede a Inocêncio III que abençoe seu novo modo de vida. Francisco pregava o desprendimento dos bens materiais em prol de uma vida consagrada à pobreza e à dedicação e ao amor por seus semelhantes. Com a benção papal, ele recebeu o diaconato e seus companheiros receberam ordens menores (Hughes, 1954:135).

Na Idade Média a administração das obras de caridade estava sob os cuidados da Igreja. E é através dela que começam a surgir instituições hospitalares, leprosários, orfanatos e escolas (Serafim, e Santos Neto, 1984:26).

Dentre as congregações que surgiram no século XII, ao lado das ordens que seguiam a regra agostiniana, constam as diversas congregações menores para a assistência a enfermos (ordens hospitalares, ou com finalidades análogas) e outras associações laicas com fins piedosos. Exemplo dessas congregações são os Antonitas ou Hospitalários de Santo Antônio, criadas nos mesmos moldes das

associações de irmãos laicos, em 1095, em S. Didier de la Mothe, no Delfinado. Em 1297, essas associações transformaram-se numa congregação de cônegos regulares muito conhecidos na Europa, e principalmente na Alemanha. Outro tipo de associação foi “Os irmãos da ponte”, composta por membros de confrarias laicas, que se associaram nos séculos XI e XII em diversas localidades da França Meridional, *“para a construção e conservação de pontes - obra de utilidade geral então muito apreciada - e também para fornecer alojamento aos viajantes”*. (Bihlmeyer & Tuechle, 1964:240).

No século XII surgem as ordens terceiras, associadas ao movimento franciscano que se tornou e continuou a ser a mais popular (Luff, 1969:565).

A caridade, contudo, desfilou pela história das formas de assistência com diferentes facetas, pois em nome da caridade que foi praticada a exploração, a repressão e a dominação política e ideológica, no sentido de a *“assistência era encarada como forma de controlar a pobreza e de ratificar a sujeição daqueles que não detinham posses ou bens materiais”* (Martinelli, 1987:85).

A Igreja contribuiu com seu quinhão para essa prática, mesmo proclamando a máxima da *“caridade aos mais humildes”*. No século XIV, o Papa, figura máxima da Igreja Católica, assumiria mais a condição de um monarca do que a de um líder espiritual e religioso. *“A espiritualidade religiosa foi substituída por uma preocupação mercenária que tornou a Igreja insensível à sorte de milhares de camponeses que viviam em um regime de brutal escravidão”* (Martinelli, 1987:86).

Como conseqüência dessa postura de interesses, irrompe um tráfico mercantilista nas estruturas da Igreja do século XVI, que se realizava desde a

venda de indulgências à do perdão. Diante desses acontecimentos, Martin Lutero, monge e teólogo agostiniano, publicou uma crítica apoiada na própria doutrina católica, da qual era profundo conhecedor, contestando publicamente o que ocorria no seio da Igreja movida por interesses contrários aos que eram postulados.

Iniciava-se, deste modo, a cisão da Igreja Católica que daria lugar à Reforma Religiosa e ao protestantismo, fundado por Martin Lutero. Excomungado em 1520 pelo Papa Leão X, Lutero passou a difundir o Protestantismo, *“proclamando a supremacia da fé em relação à caridade, da religiosidade interna ao invés das manifestações externas” (ibid).*

Deste episódio, além dos novos caminhos abertos através das lutas religiosas pela Reforma Luterana, descortinou-se a mais significativa alteração sofrida pela prática da assistência, que foi a mudança da sua organização para bases laicas e não apenas em bases religiosas. Outra consequência da cisão foi a perda, por parte da Igreja, do controle sobre a educação, e também uma desorganização da assistência, com consequente desestruturação das obras de caridade, nos países conquistados pela Reforma, e que eram antes confiadas à Igreja (Oliveira, 1989:122).

O resgate das bases cristãs de assistência ocorreu na França, no século XVII, um século após a Reforma, com São Vicente de Paula buscando recuperar o esquema de confrarias com envolvimento dos leigos (Martinelli, 1987:86).

Ressalta-se desses episódios, o florescimento da semente da caridade assistencial em outros terrenos, além da Igreja Católica.

A transição do modo de produção feudal, característico da Idade Média, para o modo de produção capitalista dá lugar a um sistema social diferente, tendo como fatores decisivos o desenvolvimento do comércio ligado às grandes navegações, a descoberta de novos continentes e a formação do sistema colonial, que imprimem novas racionalidades ao sistema de mercado.

Paralelamente ao crescimento da burguesia, desenvolve-se uma crise social no campo, conduzindo ao desmoronamento das relações servis e ao aparecimento do trabalho assalariado. Todavia, o que mais se viu foi a prosperidade para poucos e a miséria para muitos, com o conseqüente agravamento da situação social, fazendo surgir novos caminhos e formas de intervenção no campo assistencial.

É na França desse século que vamos encontrar a entidade "Damas de Caridade" fundada por Vicente de Paula com Luisa de Marillac, formada por mulheres da aristocracia, para dar assistência aos pobres, através da ajuda material e cuidado espiritual (Oliveira, 1989:124).

Todavia, a questão de como lidar com a pobreza emergente, construída no perfil social do novo mundo industrial, era algo que se conduzia por vários caminhos.

No campo da assistência do século XIX, encontramos um quadro traçado por Marschall, em que apresenta a família, os vizinhos, as ordens religiosas como os primeiros a atender os filhos da pobreza, e em que o Estado exercia papel secundário, atuando "*somente num caráter suplementar, para coordenar e oferecer tipos especiais de serviços*" (Marschall, 1967:19). Esta era uma realidade em países

como a França, onde as instituições religiosas atuavam em plena capacidade ou nos Estados Unidos, nos primórdios da história da nação, onde, através da *“família, da vizinhança e da vila, se processava uma divisão íntima de valores comuns”* (Cohen, 1964:51).

Mas foi na Inglaterra, onde o poder das instituições religiosas fora reduzido pela Reforma e a força da comunidade fragilizada pela revolução industrial que, buscando respostas para o enfrentamento dos problemas sociais, surgiu a *“Charity Organization Society”*, fundada em 1869 e dirigida por C.S. Loch por trinta e oito anos, com o objetivo de organizar e coordenar o trabalho das obras particulares. A partir de ações como essas, se organizaram os serviços de assistência social básicos na Inglaterra.

Se as guerras e os acontecimentos similares da história do mundo serviram de incentivo para a busca de caminhos a fim de minorar as suas conseqüências, este foi também o caminho palmilhado pelo espírito solidário daqueles que se associaram nos diferentes campos de assistência de cunho público e privado. Desse modo, a ação voluntária, institucionalizada ou não, se desenvolveu ao longo das sociedades e, segundo Marschall, foi de extrema relevância o papel desempenhado pelos voluntários no período compreendido entre as guerras (Marschall, 1967:91).

Surge também uma nova maneira de pensar os problemas, não mais de forma circunscrita ao indivíduo segundo a antiga ortodoxia, na qual *“a causa fundamental dos apuros e das misérias sociais devia ser encontrada nas pessoas ou circunstâncias individuais das vítimas, sendo usualmente atribuída a uma fraqueza moral”*,

passando estes, a partir de então, a serem pensados como decorrentes do contexto geral, como causas sociais impessoais (Marschall, 1967:29).

A partir de agora, reportamo-nos ao desenvolvimento do que podemos denominar de associações voluntárias no Brasil, o que só recentemente começa a ser resgatado do interior da composição geral de nossa história.

Quando nos referimos às associações voluntárias no Brasil e a sua identificação como um campo reconhecível na estrutura da sociedade, observamos que este é um caminho incipiente e pouco percorrido pelos estudos sociológicos. De forma bem recente, esse objeto começa a aparecer como interesse de pesquisa. Um desses aportes é apresentado por Landim (1993) em seu estudo desenvolvido sobre o “*setor - sem fins lucrativos*”, no qual podemos vislumbrar o roteiro percorrido pelas organizações privadas sem fins lucrativos no Brasil, entre as quais encontram-se as associações voluntárias e as entidades de assistência social.

Segundo a autora, o “*terceiro setor*”- no enfoque de uma análise do seu papel econômico e social, tem sido deixado de fora dos debates acadêmicos ou políticos do país, e “*só recentemente se começa a falar em setor voluntário sem fins lucrativos, ou em filantropia*” (Landim, 1993:11).

O roteiro que percorremos com o intuito de apresentar um aporte sobre o histórico das associações voluntárias no Brasil colocou-nos frente a pequenos e esparsos referenciais inseridos em bibliografias não específicas do tema, mas no contexto de outras histórias como a das irmandades, confrarias e a atuação de leigos em associações diversas.

A Igreja Católica se outorgou presença marcante na história do Brasil desde o período colonial e teve uma forma predominantemente leiga devido ao estabelecimento do padroado. O regime de padroado que, por concessão da Santa Sé, era dado aos reis de Portugal sobre as novas colônias, concedia-lhes o papel de verdadeiros chefes espirituais das novas terras por delegação do papa. Tais privilégios levaram a uma identificação entre colonização e cristianização e atuaram como facilitador da presença da Igreja na sociedade (Hoornaert "et al", 1983:156, Landim, 1993:12).

Na história do Brasil colônia, são públicas as manifestações da fé, ocasião em que nascimentos, casamentos, recepções e festejos estão sempre marcados pelas cerimônias cristãs. Todas as casas possuíam seus oratórios ou seu santo, diante do qual se reunia a família para as orações. Nas cidades havia nichos nas esquinas, alguns cobertos com cortinas para os quais as pessoas se dirigiam à hora das orações, como por exemplo, *a hora do terço*.

Na hora da ave-maria, ao toque do sino, todos paravam e se "*descobriam*"* para as orações. Os escravos tinham suas horas certas para as orações, que atuavam também como forma de dominação e controle, pois estas, ao ocorrerem, em momentos determinados, como nas primeiras horas da manhã e da noite, na presença do administrador, serviam também para conferir se nenhum tinha fugido (Hauck "et al.", 1980:114).

* A expressão é usada para designar que os homens deveriam tirar os chapéus e as mulheres os véus, comumente usados na época.

A igreja deixou, marcado em *pedra*, o registro de sua presença por onde estendeu seus domínios.

“Na colonização latino-americana em geral e brasileira em particular, a construção de igrejas e capelas tornou-se marca de conquista em dimensões nunca alcançadas na história anterior do cristianismo. A maioria das construções religiosas do período colonial não obedeceram principalmente a consideração da ordem pastoral mas significaram ‘padrões’ de posse em nome do império e garantia de domínio sobre índios, holandeses, franceses, quilombolas” (Hoornaert, 1974:52).

A presença da Igreja é reafirmada por Landim:

“onde quer que encontremos, nos primeiros séculos da colonização, organizações encarregadas da assistência social, do ensino, da saúde, encontraremos a Igreja - com o mandato do Estado - na sua promoção” (1993:13).

No campo compreendido entre a Igreja e o Estado as ações voluntárias escreveram grande parte de sua história, lugar esse onde encontramos as irmandades e as confrarias.

As confrarias, são associações religiosas que reúnem os leigos no catolicismo tradicional, e se dividem em dois tipos principais: as irmandades e as ordens terceiras.

“As primeiras seriam sobrevivências de corporações de artes e ofícios e as segundas, associações que se vinculam às tradicionais ordens religiosas medievais, especialmente aos franciscanos, carmelitas e dominicanos” (Beozzo, 1977, Azzi, 1968 e 1969, apud Landim, 1993:14).

Segundo Hoornaert e outros, *“as confrarias do período colonial e imperial mantiveram sempre um caráter marcadamente religioso e devocional. A única irmandade que manteve um aspecto nitidamente social foi a Irmandade da Misericórdia” (1983:235).* São essas também, exemplo de entidades sem fins lucrativos na área da saúde, pois segundo Landim, *“são as Irmandades da Misericórdia responsáveis pelos primeiros hospitais, asilos e manicômios brasileiros” (Landim, 1993:14).*

Outro exemplo é a Irmandade do Senhor dos Passos, instituída em 1764 em Florianópolis que, tendo na sua proposta as obras de misericórdia para os indigentes enfermos, deu início em 1787 ao que se constitui no atual Hospital de Caridade em Florianópolis (Piazza, 1977:87).

Ao lado das confrarias e irmandades, as ordens religiosas também desempenharam papel importante, em termos de assistência no campo da saúde e da educação. Os jesuítas foram os primeiros no campo da educação no Brasil, atuando com absoluta primazia neste setor até 1759, data em que foram expulsos por Pombal. Nos últimos vinte anos do século XVI, chegaram ao Brasil os franciscanos, os beneditinos e os carmelitas. Estes últimos cultivavam a língua indígena visando a uma melhor preparação dos missionários na conversão dos índios (Hoornaert “et al.”, 1983:184/213).

Os hospitais instalados nos colégios fundados pelos jesuítas também são referendados por Landim como responsáveis pela assistência pública à saúde. (Landim, 1993:15). Naquele período específico do Brasil colônia, *“o que se poderia chamar de ‘associações voluntárias’ - as entidades privadas de serviços sociais, saúde, educação, criadas durante os três primeiros séculos no Brasil - existiram basicamente no espaço da Igreja Católica ou sob sua égide”*, permeadas pelas relações com o Estado (Landim, 1993:16).

A Igreja é presença marcante no período colonial e sua identificação com o projeto colonizador português é quase total. No período de 1822 a 1889, as relações entre Igreja e Estado permaneceram estáveis, e a religião católica é declarada *“religião do império”* na Constituição. Porém, é também um período de desarticulação na Igreja, com perda de prestígio político que tende a influir drasticamente na relação. O período de 1890 a 1930 tem o signo da separação entre Igreja e Estado (Nunes, 1985:24). Uma nova cristandade se afirma a partir de 1930 e vai perdurar até a década de 60, ocorrendo uma multiplicação dos religiosos no Brasil, ocasião em que são criadas *“novas associações de leigos com finalidade devocional e também caritativa e assistencial, como, por exemplo, as Conferências Vicentinas”* (Landim, 1993:17).

Apesar dos *altos e baixos*, no sentido de aproximação e afastamento entre a Igreja Católica e o Estado, aquela sempre esteve presente de maneira consentida ou não pelo Estado, na formação e no apoio às associações de assistência e filantropia, através da fundação de escolas, hospitais e obras caritativas.

No campo religioso de assistência social, ressalta Landim, a existência de outras linhas religiosas no decorrer do século XIX, entre as quais estão as igrejas evangélicas de imigração (mormente os luteranos alemães) ou de missão, a maioria dos Estados Unidos (congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas) que fundaram escolas e faculdades. Nesse campo de ação social, encontram-se também, mesmo que de forma incipiente, a presença dos espíritas e afro brasileiros (op.cit., 1993:18).

Nos estudos realizados por Landim, no Brasil as *associações voluntárias* marcam presença nas últimas décadas do século XIX, ocasião em que ocorre uma "*multiplicação, nos centros urbanos, das sociedades beneficentes de auxílio mútuo e dos primeiros sindicatos, no contexto de um processo tardio e ainda incipiente de industrialização*"(1993:20). Os estudos no campo sociológico sobre esses objetos se prendeu basicamente ao conteúdo político e sua ligação à ação sindical, deixando escassas informações referentes ao campo da ação previdenciária e assistencial dessas organizações.

O campo onde crescem as associações voluntárias nas últimas décadas do século XIX apresenta também uma mudança no perfil dessas associações que de "*entidades religiosas ou de grupos localizados passam a se politizar e a constituir grupos de interesse*", configurando o surgimento das organizações civis secularizadas (op.cit:22).

Ainda segundo a autora, o estudo do associativismo brasileiro por parte da sociologia centra-se no estudo dos movimentos sociais e do sindicalismo, principalmente a partir da década de 70, deixando relegada a um campo de pouco

interesse a questão “*não-política mutualista*”. Assim, foi por esse “*gargalo*” que escorreram as associações do tipo mútua ajuda, e na esteira da qual se perderam os dados sobre o “*universo filantrópico*” privado. Isto, contudo, não significa que tenham deixado de existir, mas que ficaram fora do cenário do interesse de estudos sobre o assunto.

Os anos 30 começam a impor o que virá a resultar numa nova organização da relação entre o Estado e a sociedade. Todavia, apesar do controle do Estado sobre a sociedade, as associações privadas sem fins lucrativos proliferaram ao invés de recrudescerem. A revolução de 30 e o Estado Novo, ao contrário do que se possa pensar como um boicote à existência das entidades sem fins lucrativos, fornece um apoio instrumental principalmente às instituições de caráter religioso através de “*isenções, incentivos fiscais, e financiamento governamental para escolas religiosas, hospitais e obras sociais ligadas à igreja*” (Landim, 1993:26).

Ressalta ainda a autora outras entidades presentes nesse *universo filantrópico*, como as “*entidades fundadas por colônias de imigrantes ou de estrangeiros, como as escolas alemãs, francesas, americanas, ou hospitais de grande porte, como a Beneficência Portuguesa e o Sírio-libanês*” (ibid).

Em relação à fase mais atual das associações civis na sociedade, Landim observou, através dos dados da pesquisa realizada por Souza (apud Landim) na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, o crescimento significativo das associações civis nos últimos vinte anos (ver Landim, 1993:31/32).

No que se refere especificamente a entidades de assistência social, a autora apresenta que, em conformidade com os dados da Receita Federal, 55.369

ou 29,13% das entidades sem fins lucrativos no Brasil são "religiosas", "beneficentes" ou de "assistência social" não incluindo aí as igrejas ou "casa de culto religioso". Apesar de haver, segundo Landim, uma área de interseção entre os setores sociais, com os quais atuam essas entidades e aqueles pelos quais transitam as ONGs, existem singularidades específicas que as diferenciam (op.cit., 1993:35).

Ao esboçar as características dessas entidades, Landim ressalta o distanciamento dos valores de militância e do campo dos movimentos sociais organizados. Quanto à forma de manutenção, "*estão certamente mais próximas tanto da filantropia empresarial quanto das doações individuais e mais distantes da cooperação internacional que se desenvolveu nos últimos 20 anos*" e "*são, no geral, menos profissionalizadas e o trabalho voluntário parece ter aí mais peso e valor simbólico*". Permanecem essas entidades, desde seu surgimento, sob o "guarda chuva" da religião e estreitamente ligadas à Igreja Católica, ocorrendo mais recentemente a presença de outras igrejas, principalmente as protestantes e grupos espíritas (ibid).

O crescimento do interesse por esse mundo ainda inexplorado do social, timidamente começa a aparecer. Oliveira Neto, citado em Landim, propõe o esboço de um quadro demonstrativo dessa realidade, numa divisão das entidades de assistência social existentes no país em três subconjuntos: o primeiro seria o das "*instituições tradicionais de caridade*" (abrigos e patronados com atendimento extensivo e acolhimento de crianças, idosos e doentes). O segundo, de "*entidades de promoção do desenvolvimento*", e o terceiro, das "*entidades de formação e*

manutenção de clientelas eleitorais, que são meros instrumentos da prática patrimonialista da classe política” (Oliveira Neto apud Landim, p.36).

Somente os dados restritos à Igreja Católica esboçam um pouco deste desconhecido universo. Uma pesquisa estatística de 1982 (CNBB,1983), informa a existência de 10.236 obras assistenciais, sendo 67,5%, ou seja 6.914, “*obras sociais propriamente ditas*”; o restante se divide entre obras “*vinculadas ao mercado*” e as “*obras com presença da Igreja*” (Landim 1993:37).

Os dados específicos apresentados por Landim sobre o segmento das associações voluntárias dentro do campo da Igreja Católica mais uma vez reafirmam a sua presença numa parceria histórica com o Estado. Procede, portanto, a visão da ação voluntária e o trabalho voluntário como extensivos de instituições e órgãos religiosos. Contudo, acreditamos que este é um dado que tende a sofrer modificações, conforme análise das observações realizadas no transcorrer desse estudo.

É nesse contexto de estreitas e antigas relações entre Estado e Igreja que, com maior ou menor visibilidade, se desenvolvem as ações assistenciais sociais e caritativas na sociedade, favorecidas segundo Landim, por “*um amplo campo para a valorização da caridade, do altruísmo, da solidariedade pessoalizada, da abnegação, do envolvimento e da escolha pessoal na doação*” (op.cit.43).

Visando situar nosso objeto de estudo, buscamos no mosaico composto pelo universo “*sem fins lucrativos*” e inserido no contexto das associações civis, as referências para o campo das ações voluntárias na sociedade.

Diante do exposto, podemos observar a carência de um conhecimento específico referente à ação dos voluntários, permanecendo inexplorada essa forma de participação no social. Neste sentido, acreditando ser a ação do voluntário representativa de uma expressiva forma de ação social, o presente estudo procura contribuir para “*puxar o véu*” que encobre o significado dessa atividade e o seu papel na construção e no desenvolvimento do social.

3.2. INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

As instituições ou associações civis sem fins lucrativos representam o campo no qual são desenvolvidas as atividades dos voluntários. Essas atividades são identificadas, no contexto deste estudo, como realizadas de modo formal e informal. O modo formal se refere, basicamente, às atividades exercidas dentro de uma instituição pública ou privada, através de uma associação voluntária estatuída, obedecendo a critérios, normas e regulamentos estabelecidos. O informal é o considerado no sentido de não haver qualquer tipo de formalidade ou regulamento estatuído, sendo as atividades voluntárias desenvolvidas tão logo ocorra um primeiro contato com o coordenador da instituição.

Com o objetivo de demonstrar um pouco da diversidade existente no campo das ações voluntárias, apresentamos a seguir as instituições e associações, representativas do campo de ação dos voluntários entrevistados para este estudo.

1. CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA - CVV

O *Centro de Valorização da Vida* é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1962, com sede em São Paulo, capital, que se inclui entre os serviços de doação de amizade e prevenção do suicídio do tipo humanitário.*

O CVV existe nos moldes de "Os Samaritanos" de Londres, e do "SOS L'Amitié", de Paris. Todos os trabalhadores são voluntários, reunidos tão somente pelo desejo de servir, não havendo entre eles discriminação de religião, sexo, filiação política etc. São entidades a-religiosas e apartidárias, de portas abertas para o atendimento gratuito de qualquer pessoa, sem discriminação de qualquer espécie.

Posto do CVV é a designação de todo núcleo de prevenção do suicídio que se compromete a funcionar dentro das normas do Regimento Interno elaborado pelo CVV. O Centro de Valorização da Vida possui, na ocasião desse estudo, 44 postos de atendimento**, localizados nas principais cidades brasileiras e o trabalho conta com um número aproximado de 1500 voluntários no desenvolvimento de suas atividades.

O CVV mantém na cidade de São José dos Campos (SP), a Clínica de Repouso Francisca Júlia, para doentes mentais sem recursos, e o Lar Esperança lar-família para crianças órfãs, reunindo em cada casa uma "mãe" e seis "filhos".

Em Santa Catarina existem postos de atendimento nas cidades de Blumenau, fundado em 1985 e em Florianópolis, a partir de 1992.

*Conforme o "Manual do Voluntário", "os serviços de doação de amizade e prevenção do suicídio, pelas suas características, podem dividir-se em três categorias: humanitários, religiosos e científicos", o CVV inclui-se na categoria de serviços humanitários (1990:18).

**Dados coletados do Boletim do CVV, n.243/maio.95).

O Posto de atendimento do CVV em Florianópolis está localizado na Rua Victor Konder 321, centro da Capital, e funciona com um quadro de 40 voluntários, que realizam plantões de 4,5 h por semana. O CVV oferece, às pessoas que procuram o Posto, um trabalho de atendimento de 24 horas por telefone, e de atendimento pessoal, das 7 às 22 horas de domingo a domingo, inclusive nos feriados.

"Todos os voluntários do CVV, sem exceção, não poderão receber remuneração, gratificações ou retribuição de qualquer espécie, pelos seus serviços, dado o absoluto caráter de gratuidade de que se reveste a função, que é exercida por mera liberalidade" (Manual do CVV, 1990:93).

O voluntário, *"pessoa com disponibilidade interior para acolher, ouvir e compreender as pessoas angustiadas que procuram o CVV,"* junto com o telefone e a divulgação formam os três elementos essenciais do trabalho do CVV (Manual do Voluntário, 1990:20).

"O objetivo básico dos voluntários do CVV é estarem disponíveis a qualquer hora do dia ou da noite, para prestar ajuda aos que passam por crises emocionais e estão em perigo iminente de se matar" (op.cit.103).

Os requisitos para o ingresso no trabalho inclui a idade mínima de dezoito anos, disponibilidade de horário para a realização do plantão e a participação em um curso de seleção e treinamento por um período de 8 semanas.

"Os voluntários são cuidadosamente selecionados por suas qualidades pessoais e aptidões naturais para o trabalho, e preparados para a prestação de ajuda e

doação de amizade, e inclusive para a liderança, quando for o caso, através da participação em treinamento básico e aperfeiçoamento” (op.cit.107).

Aos voluntários do Posto de Florianópolis organizados em grupos, cabem, as atividades e responsabilidade de manutenção do Posto, que se distribuem em tarefas relacionadas com a divulgação (em jornais, rádios, televisão), promoção (organização de eventos para arrecadar fundos), treinamento (seminários, cursos, palestras) e estudos relacionados ao desenvolvimento operacional da atividade.

As despesas do Posto são atendidas através das doações dos voluntários ou de carnês de contribuições distribuídos entre amigos e conhecidos ou promoções. As despesas e as doações são administradas pela pessoa jurídica mantenedora, composta também pelos próprios voluntários com cargos eletivos constantes no estatuto.

Cada Posto do CVV se ergue e desenvolve suas atividades administrativas de forma independente, pautadas na filosofia do trabalho e orientação do Programa de Prevenção do Suicídio e Doação de Amizade da alçada do Conselho Geral. O Conselho é constituído por membros da Diretoria do Centro de Valorização da Vida e 16 representantes de postos do Estado de São Paulo, eleitos anualmente pelo Conselho Nacional.

O Conselho Nacional é composto pelos coordenadores gerais dos postos, os diretores regionais e os diretores do Centro de Valorização da Vida, que se reúnem anualmente, na época da Páscoa.

“O Conselho Nacional terá por funções: - referendar as alterações do Regimento Interno e dos Princípios e Práticas do CVV, propostos pelo Conselho Geral; - promover a reciclagem dos Coordenadores Gerais e Diretores Regionais; - desenvolver estudos, trocar experiências e confraternizar” (Manual do Voluntário do CVV, 1990:93).

Existe em cada posto, um coordenador geral e líderes de pequenos grupos eleitos pelos voluntários pelo período de um ano. O planejamento e o acompanhamento dos trabalhos dos voluntários são realizados através de reuniões mensais. A reciclagem e o treinamento dos voluntários são proporcionados pelos diversos cursos realizados no decorrer do ano, organizados e oferecidos pelos postos existentes no Brasil. De uma forma mais específica, cada regional promove cursos de reciclagem. A Regional Sul é composta pelos postos de Curitiba, Florianópolis, Blumenau e Porto Alegre. Está prevista para breve a abertura de um novo posto na cidade de Joinville, o qual, passará também a fazer parte da Regional Sul.

Com o propósito de realizar a divulgação do trabalho gratuito à comunidade, e principalmente do objetivo principal do trabalho, que é a Prevenção do Suicídio com o sentido voltado para a valorização da vida, o CVV realiza palestras, sempre que solicitado, em escolas, empresas, igrejas ou qualquer outra entidade.

A peculiaridade da instituição, formada unicamente por voluntários, é oferecer uma prestação de serviço gratuita à comunidade, por 24 horas, contar

com a presença masculina em seu quadro de voluntários, e apresentar uma proposta de desenvolvimento pessoal ao indivíduo no trato com os seus sentimentos, como suporte necessário ao enfrentamento dos problemas do cotidiano.

O Posto do CVV localizado em Florianópolis realiza suas atividades consoante com as normas do Posto Central e de maneira uníssona com os demais postos, ou seja, todos os postos realizam seus trabalhos de forma igual, em relação ao tipo de atendimento, organização interna e desenvolvimento geral do trabalho.

2. GRUPO INTEGRADO DE OBRAS SOCIAIS - GIOS

O Grupo Integrado de Obras Sociais - GIOS foi fundado em 02 de maio de 1983 com o *"ideal de servir e a intenção de, através da assistência social, poder ser útil a si, à coletividade e a Deus"* (texto mimeo).

A entidade ocupa atualmente o antigo forno do lixo da Prefeitura de Florianópolis, localizado na Rua Almirante Lamego 247, que foi totalmente remodelado por ação do próprio grupo na busca de recursos.

"A força de vontade, aliada à tecnologia moderna, tudo pode quando se quer algo melhor para os necessitados" (mimeo). Esta frase, escrita por uma voluntária na ocasião da mudança do grupo para o novo endereço, expressa os sentimentos de confiança e fé que envolvem a realização do trabalho. Conforme fotografias mantidas pela entidade, o atual prédio estava totalmente em ruínas e desativado

e foi nessas condições cedido em convênio de utilização por 20 anos, pela Prefeitura, na gestão de Edson Andrino.

De acordo com seu estatuto social, o grupo tem objetivos filantrópicos e benemerentes, através do amparo à maternidade, à infância e à velhice, e de socorro às vítimas de catástrofes climáticas. De acordo com o artigo 37 do estatuto, a entidade não se envolve com questões políticas e nem com controvérsias religiosas ou raciais.

Iniciado formalmente com 22 voluntárias, o grupo é atualmente composto por 150 mulheres, de 20 a 80 anos, com dedicação efetiva de segunda a sexta-feira, através da realização de turnos de trabalhos (das 14h às 18h) na sede da entidade, e de mais outras 50 voluntárias que realizam o trabalho em suas residências, dedicando-se basicamente à confecção de agasalhos e roupas em geral, destinados a pessoas e entidades carentes. Em casos especiais, confeccionam também lençóis e fronhas para os hospitais, asilos e creches.

O grupo é organizado pelo seu estatuto, sendo sua Diretoria e seus componentes eleitos a cada 3 anos. O trabalho é subdividido em pequenos grupos que atuam um a cada tarde dos dias da semana. O calendário anual de atividades da instituição inicia no mês de março e termina no mês de dezembro.

O GIOS atende atualmente a mais de 80 instituições de assistência social cadastradas, entre as quais encontram-se, creches, hospitais, conselhos comunitários, paróquias, asilos, escolas, centros espíritas, fundações e berçários. No ano de 1990 (conforme dados do folder da entidade), foi distribuído o montante de 53.000 peças de roupas, entre abrigos, lençóis, fronhas, fraldas, calcinhas, bermudas, camisetas, etc.

A distribuição de roupas às entidades cadastradas é realizada duas vezes ao ano. No mês de junho são distribuídas as roupas de inverno e no mês de dezembro as roupas de verão. Esta entrega é realizada mediante ofício de recebimento com o número de peças, data e outros dados assinado pela entidade recebedora.

O trabalho é mantido por doações das voluntárias e na forma de carnês de contribuição distribuídos por elas entre familiares, amigos e conhecidos. Os valores arrecadados visam a cobrir as despesas administrativas e a manter o estoque de tecidos e outros materiais para a confecção das roupas. Todo o trabalho de contatos externos e controles financeiro e de estoque é realizado pelas próprias voluntárias. O entrelaçamento dos membros do grupo é realizado durante o encontro no café da tarde, ocasião também em que são transmitidos os recados e informações necessárias.

Composto unicamente por voluntárias, o grupo se sobressai das demais entidades aqui relacionadas por comportar um número expressivo de mão-de-obra que com seu trabalho, confecciona roupas de crianças e adultos, suprimindo as necessidades das entidades nela cadastradas.

A peculiaridade deste grupo está em ser a atividade voluntária desenvolvida na sua grande maioria sem o contato direto de quem confecciona a roupa com a pessoa que recebe as doações. O trabalho é realizado visando a *“uma aproximação anônima entre aqueles que têm algo para dar e os que nada possuem de si”* (texto mimeo, 1988). Entre os seus componentes existe o pensamento de que

as pessoas podem ser úteis umas às outras e a si próprias através da eficiente terapia do trabalho.

3. GRUPO DE VOLUNTÁRIAS ALFREDO DAURA JORGE

O Grupo de Voluntárias Alfredo Daura Jorge, do Hospital Governador Celso Ramos, foi fundado em 03 de agosto de 1983, com o objetivo inicial de fornecer conforto espiritual aos pacientes daquela comunidade hospitalar. Com o transcorrer dos anos, formou-se uma nova concepção de que a ajuda deveria aliar práticas que ampliassem o campo de atuação da ação voluntária.

A ação do voluntariado busca atualmente abranger o paciente e também a comunidade hospitalar. Em relação ao paciente, a ação do voluntariado visa a proporcionar carinho, compreensão, segurança e apoio, a fim de minorar o sofrimento moral, a sensação de abandono, e permitir a integração com o ambiente hospitalar. A área de atuação do voluntariado vai da Emergência ao 7º andar, incluindo os serviços de Hemodiálise e Ambulatório, podendo ser ampliado quando necessário.

O grupo de voluntárias é formado atualmente por 40 pessoas. As voluntárias se subdividem em pequenos grupos, distribuídos cada um por andar, sob a orientação de uma coordenadora. Ao iniciar a atividade, a voluntária realiza uma entrevista, seguida de um treinamento com a duração de um mês, em companhia de voluntária mais antiga. A administração interna do trabalho muda a

cada dois anos, através de eleições, que ocorrem entre os membros do grupo para o preenchimento dos cargos existentes em estatuto.

Conforme requisitos exigidos, os voluntários serão pessoas com idade entre 21 e 65 anos, *“responsáveis e dispostas a assumir os encargos decorrentes do estatuto”*, e submeter-se ao treinamento específico com duração de um mês (item 4.1. Termo de Compromisso do Grupo de Voluntários).

“Os voluntários deverão integrar-se nas atividades de Grupo, evitando atitudes isoladas, manter bom relacionamento com o pessoal do hospital e usar a discrição no trato com os pacientes (jamais lhe perguntar sobre a doença ou dar seu parecer a respeito). Informar aos pacientes ou familiares que devem inquirir o médico”(item 4.6. Termo de Compromisso do Grupo Voluntariado *“Alfredo Daura Jorge” em razão do Regulamento do Voluntariado*).

O trabalho é realizado durante a semana, em turnos fixos, com plantão matutino ou vespertino de duas horas cada. O acompanhamento do trabalho é feito através das reuniões mensais, que ocorrem sempre na primeira segunda-feira de cada mês. As voluntárias transitam pelo hospital uniformizadas com guarda-pó verde, com logotipo nas roupas e crachás de identificação. O uso do uniforme e a devida identificação lhes permite acesso às dependências a que tem direito, excluídas aquelas de uso restrito ao corpo médico e paramédico.

Em conformidade com as necessidades existentes ou atendendo pedido da Assistência Social e Enfermagem, o grupo de voluntárias fornece roupas e material de higiene aos pacientes. O *“auxílio-locomoção”* é dado pelas voluntárias

aos internados que, por ocasião da alta hospitalar, não têm recursos financeiros próprios para retornarem às suas cidades.

Os pacientes externos em tratamento de hemodiálise levam para suas casas medicamentos e alimentação, doados pelas voluntárias. (as pessoas em tratamento de hemodiálise não ficam hospitalizadas, mas, devido à doença, não têm condições de trabalhar e, conseqüentemente, passam por dificuldades financeiras e não podem comprar os remédios, que são caros).

Os voluntários poderão desenvolver atividades de lazer e recreação com os pacientes que tenham possibilidades de se locomover, a critério do serviço de enfermagem. O atendimento espiritual, segundo as voluntárias, deve ser realizado sem tentar *"catequizar, para quaisquer religiões, o paciente já fragilizado pela doença. Respeitando a solicitação do paciente, podemos chamar o padre, pastor para visitas (item 1.5. Termo de Compromisso do Grupo Voluntariado).*

O trabalho desenvolvido pelas voluntárias inclui a *"doação de enxovais de bebê às futuras mães carentes, ou mesmo às funcionárias gestantes ou esposas de funcionários do Hospital".* A ação das voluntárias visa também *"à conscientização e apoio aos familiares, quanto aos cuidados e responsabilidades que devem assumir com seus doentes quando no hospital e após alta"* (texto mimeo).

As fontes de receita do grupo se constituem de doações externas e de contribuições espontâneas dos voluntários e membros da comunidade, bem como do produto das campanhas e promoções.

“Somos entidade devidamente reconhecida pelos órgãos públicos competentes como de Utilidade Pública, e, como tal, prestamos contas de tudo o que recebemos para repassar aos que necessitam” (texto mimeo).

O grupo tem por característica o alto grau de organização própria dentro de uma instituição pública, onde mantém salas individuais com acesso exclusivo dos voluntários, infra-estrutura e linha telefônica.

Entre as responsabilidades da instituição, na qual os voluntários exercem suas atividades, estão as de *“proporcionar uma visão geral do Hospital, seus objetivos, funcionamento e regime de atendimento; e dar condições de uma boa atuação, através da aceitação do serviço voluntário”* (item V. do Termo de Compromisso).

A reciclagem dos voluntários é realizada através de cursos e seminários, incluindo o *“Encontro Anual de Voluntárias da Saúde”*, que reúne os diversos grupos ligado à área das instituições hospitalares existentes na Capital e em outras cidades do Estado de Santa Catarina. Do Encontro participam também outras instituições, como por exemplo, GAPA, GIOS, Orionópolis e outros que têm em comum, a realização de suas atividades através do voluntário (ata da Reunião III Encontro, 1991).

Na ocasião do III Encontro de Voluntárias da Saúde, realizado em agosto de 1991, foi anunciado, pelo Grupo de Voluntárias da Cidade de Blumenau, o início dos trabalhos do Posto do CVV (Centro de Valorização da Vida) na cidade de Florianópolis, conforme registrado em Ata.

O "Encontro" se realiza anualmente, desde 1989, sendo organizado a cada ano de forma alternada, entre os grupos presentes ao evento.

A ação das voluntárias junto à comunidade hospitalar busca também promover, através de atividades recreativas a *humanização do atendimento hospitalar*, e a valorização da pessoa que trabalha no hospital, especialmente em datas comemorativas, com colocação de cartazes e frases alusivas. O trabalho das voluntárias desenvolve-se sob orientação ativa e responsável vivenciada na prática pelos membros do grupo, através do atendimento útil, visando a minorar o sofrimento e as necessidades materiais das pessoas que dele precisam. Este atendimento inclui desde o corte de cabelo nos pacientes ao fornecimento de roupas, alimentos, medicamentos e de condições para que eles possam retornar aos seus lares.

4. GRUPO DE APOIO À PREVENÇÃO DA AIDS - GAPA

O Grupo de Apoio à Prevenção da Aids, fundado em 06 de agosto de 1987, surgiu a partir da experiência de sua fundadora, como membro de um grupo interdisciplinar, que acompanhava a discussão sobre os primeiros casos de Aids no Estado de Santa Catarina. Com o objetivo de esclarecer, prevenir e conscientizar sobre as formas de prevenção e transmissão da AIDS/SIDA, o trabalho é realizado pelo atendimento direto aos portadores do HIV e também através de palestras e visitas a escolas, hospitais, empresas, igrejas, presídios e outras entidades que as solicitem.

Na sede do GAPA, localizada a rua Rua Felipe Schmidt 882, Florianópolis, o trabalho é realizado por 4 funcionários e 8 voluntários. Os voluntários trabalham de 2a a 6a feira em turnos de meio período cada um, no horário matutino ou vespertino, desenvolvendo atividades administrativas e atendimento às pessoas que procuram o grupo através do telefone ou pessoalmente.

O GAPA desenvolve também outros trabalhos de prevenção e conscientização sobre a Aids. O *Projeto Desperta Mulher* procura sensibilizar a população feminina “quanto aos riscos da infecção, bem como de discutir possibilidades e estratégias preventivas que permitam à mulher o exercício da sua sexualidade de forma livre e segura” (*Relatório das Atividades do GAPA de Florianópolis Exercício de 1993 e 1994*). O *Programa Consciência*, é um trabalho noturno, “desenvolvido entre os profissionais do sexo, nas esquinas, bares e casas de prostituição, com distribuição de preservativos e esclarecimentos das formas de prevenção, e sexo seguro” (*ibid Relatório GAPA*).

Um dos principais trabalhos realizados pelo GAPA é o *Disk Aids*, que presta serviço de esclarecimento por telefone sobre as doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, no horário comercial de segunda a sexta-feira.

O conjunto dos serviços prestados pelo GAPA inclui também o atendimento específico às crianças através do “*Lar Recanto do Carinho*”, e o acolhimento de adultos (masculinos) todos ex-usuários de drogas injetáveis, os quais ficam instalados no “*Lar Recanto da Esperança*”, abordados a seguir.

“Lar Recanto do Carinho”

O *Lar Recanto do Carinho* foi fundado em 29 de julho de 1992, e está localizado na Rua Rui Barbosa 810, no Bairro Agrônômica, em Florianópolis. No estabelecimento são atendidas 47 crianças* em regime integral, com atividades voltadas para a satisfação das necessidades básicas de “*alimentação, cuidados com a saúde, vestuário, higiene, moradia, estimulação essencial, carinho e amor*”. Outras 6 crianças são mantidas com medicamentos e alimentação junto às próprias famílias. (Relatório GAPA e dados coletados junto à entidade por ocasião das entrevistas).

O grupo atendido pela instituição se compõe atualmente de 20 crianças entre 0 e 3 anos, sendo 9 bebês, 11 crianças entre 3 e 4 anos e 22 crianças entre 5 e 8 anos.*

Todas as crianças são acolhidas através de encaminhamento judicial. A maioria das crianças possuem familiares, porém sem condições financeiras ou de saúde para assumi-las. Existem também situações em que os pais são presidiários, ou que morreram ou que abandonaram a criança com o vírus HIV.

Funciona no Lar uma sala de aula de pré-escolar com 15 alunos de 3 a 6 anos, mantida pelo Curso Elementar Menino Jesus, que arca com as despesas dos salários das professoras e supre a escola com o material didático necessário.

* as crianças acolhidas pela instituição são filhos de pais portadores do HIV, dentre as quais se encontram algumas soronegativas.

As crianças em fase de 1º grau estão sendo encaminhadas já alfabetizadas à escola do bairro depois do trabalho de conscientização, feito pela voluntária, junto à direção da escola.

O Lar tem por objetivo prestar educação em saúde, controle antropométrico, nutrição, acompanhamento pedagógico, médico, psicológico e cultural. O trabalho é realizado por 21 funcionários pagos com fundos arrecadados de doações e 20 voluntários, sendo 10 deles com dedicação efetiva. Os voluntários realizam suas atividades uma vez por semana, no período da manhã ou da tarde, podendo incluir, se o desejarem, o sábado e o domingo.

O trabalho dos voluntários se desenvolve através das atividades administrativas, organização e promoção de festas e recreação com as crianças.

“Lar Recanto da Esperança”

O *Lar Recanto da Esperança* foi fundado em 17 de setembro de 1993, e está instalado na localidade do Rio Vermelho, em Florianópolis, numa residência ocupada pelo GAPA e que pertencia ao ex-trafficante Paulinho da Matriz (Relatório GAPA).

O Lar abriga atualmente 15 pessoas do sexo masculino, soropositivos, na faixa de 22 a 45 anos, em regime integral, oferecendo acomodação, alimentação e medicamentos, além dos tratamentos psicológico e ocupacional, este através das atividades de horta, serviços domésticos e duas oficinas de artesanato.

O trabalho tem por objetivo *“resgate da cidadania, reintegração familiar, reintegração ao trabalho, reintegração à sociedade, tratamento e acompanhamento médico e psicológico, esclarecimentos básicos sobre formas de prevenção, de contaminação e de reinfecção do vírus HIV, para que possam ser multiplicadores de informações sobre a AIDS”* (Relatório GAPA).

O Lar é mantido por doações, e o trabalho é desenvolvido por 5 funcionários e 5 voluntários. Cada voluntário realiza suas atividades uma vez por semana, no período da manhã ou da tarde, de 2a a 6a feira, ocupado basicamente com o desenvolvimento de estudos bíblicos, cantos e com atividades na oficina de artesanato.

Em síntese, em seu conjunto o trabalho do GAPA se caracteriza por acolher e dar tratamento médico às pessoas portadoras do HIV, e objetiva também esclarecer, prevenir e conscientizar as pessoas sobre as formas de transmissão da doença, buscando principalmente esclarecer o público em geral, na tentativa de diminuir a discriminação que existe contra as pessoas portadoras do vírus. Os voluntários atuam diretamente com os portadores do HIV, procurando amenizar as suas dificuldades no cotidiano social, a par das carências afetivas, emocionais e materiais dessas pessoas.

5. ORIONÓPOLIS CATARINENSE

A origem do nome Orionópolis se deve à pessoa do seu fundador, Dom Luis Orione (1872-1940), cuja obra foi iniciada na Itália no início deste século (1915).

Dom Orione esteve no Brasil em 1921, ocasião em que criou a primeira casa para meninos de rua no Rio de Janeiro, chamada de "Casa da Preservação".

Uma segunda estada de Dom Orione no Brasil foi de 1934 a 1937. As obras da Congregação de Dom Orione são muito conhecidas no Uruguai, na Argentina e no Chile, onde existem os "*pequenos cotolengos*" em homenagem a São José Benedito Cotolengo, que cuidava de deficientes na Itália. Os "*filhos de Dom Orione*," (os filhos da Divina Providência, como ele os chamava, pois dizia que tudo era obra da Divina Providência), passaram a chamar as obras de Orionópolis depois da morte do fundador, em sua homenagem. Atualmente existem Orionópolis em 28 países e 4 continentes.

O Orionópolis de Santa Catarina é uma obra social de caráter filantrópico e eclesial, fundado pela obra da Divina Providência em 26 de outubro de 1987. A construção da obra catarinense está ligada ao trabalho realizado pelo Padre Jaci, que conta com uma história de atividades desenvolvidas junto a deficientes, órfãos e menores de rua, tendo acompanhado também a fundação do Orionópolis paulista, na cidade de Cotia, com o acolhimento dos primeiros residentes.

As novas instalações do Orionópolis catarinense foram inauguradas em 10 de março de 1991, na Rua Frederico Afonso nº 5.568, na cidade de São José. A

construção se efetivou a partir da doação de um terreno por uma pessoa que fez uma única exigência: que a obra ali instalada servisse também de abrigo a idosos, além dos portadores de deficiências físicas em estado de abandono, que é o objetivo precípua da obra fundada por Dom Oriane.

Existem 4 Orionópolis no Brasil, localizados nas cidades de Curitiba(PR), Cotia(SP), Porto Alegre (RS) e São José(SC).

A instituição tem por objetivo abrigar portadores de deficiência física em estado de abandono e idosos, dando-lhes moradia, alimentação e assistência médica e odontológica. O Orionópolis de Santa Catarina atende atualmente 31 pessoas adultas, entre deficientes físicos e idosos (homens e mulheres) * e 19 crianças.

A obra é basicamente mantida por doações e promoções realizadas em seu nome para arrecadar fundos. O trabalho é desenvolvido por 34 funcionários contratados pela entidade, 10 funcionários cedidos por outros órgãos, 01 religioso e 62 voluntários.**

Os voluntários se dividem em dois grandes grupos: os que realizam trabalho efetivo nas dependências da entidade e os que desenvolvem atividades fora da entidade. Os trabalhos realizados fora da entidade se referem, entre outros, a confecção de roupas e agasalhos de lã para os asilados, arrecadação de brindes e organização de bingos, montagem de enfeites para as festas e os serviços de contabilidade prestados à entidade (dados fornecidos pelo serviço social da entidade em março de 1995).

*/** Dados fornecidos pelo Serviço Social da Instituição.

Os voluntários que realizam as atividades dentro da instituição, se dividem em sete setores internos e três externos. Cada setor é coordenado por uma pessoa escolhida pelos próprios voluntários e semanalmente é realizada uma reunião entre coordenadores dos setores.

Os voluntários realizam suas atividades prestando serviços na lavanderia (estendendo, separando e passando roupa), na cozinha (fazendo as refeições e servindo aos pacientes), na administração (telefonista, controle de estoque do almoxarifado), na hora do banho dos moradores e no serviço de apoio pedagógico de fundo terapêutico que inclui as atividades artísticas de pintura, confecção de colchas, tapetes etc.

Cada voluntário dedica o tempo mínimo de meio período por semana, de 2ª a 6ª feira, para a realização dessa atividade, obedecendo uma escala de plantões.

Eventualmente, os voluntários, podem realizar plantões de final de semana por ocasião das festas internas ou de festas externas para arrecadar fundos.

O Orionópolis acompanha também a experiência de resgate e atendimento básico, com fornecimento de alimentos, de 45 índios da tribo Guarani-mbyá no vale do Massiambu, no município de Palhoça/SC, participando dos trabalhos há mais de três anos.

Atualmente foi iniciado um contato com a Secretaria da Educação visando a criar a primeira grade curricular tupi-guarani-português, em trabalho conjunto com o Museu de Antropologia da UFSC.

A obra se caracteriza primordialmente pela assistência aos deficientes de qualquer idade e aos idosos (característica esta específica do Orionópolis de Santa Catarina). O número de voluntários que atua no Orionópolis, mesmo não organizado formalmente como uma associação ou grupo, representa 58% dos recursos humanos existentes na Instituição, o que proporciona uma visão da importância do trabalho do voluntário na manutenção e na continuidade dos serviços gratuitos prestados pela instituição à comunidade, nos moldes que hoje ocorre.

6. SOCIEDADE GRUPO VOLUNTÁRIAS DA ESPERANÇA

Por volta de 1955, se formou um pequeno grupo que viria a se constituir no Grupo Voluntárias da Esperança. As pioneiras propuseram-se prestar assistência de cunho social e religioso aos pacientes do Hospital de Caridade, através de visitas semanais, ocasião em que, por meio de conversas e atenção, visavam suavizar-lhes o sofrimento. Com o transcorrer dos anos, e aceitação por parte da direção do Hospital de Caridade, as visitas semanais passaram a ser diárias, ampliando-se o trabalho, que além do apoio espiritual passou a contar com a distribuição de revistas e a realizar atividades manuais com os pacientes. Com o crescimento do grupo, pelo ingresso de novas voluntárias, surgiu a necessidade de se organizarem.

A Sociedade "Grupo Voluntárias da Esperança" foi fundada em 26 de maio de 1988, como sociedade civil beneficente, sem fins lucrativos, destinada a

prestar auxílio e assistência aos pacientes internados em nosocômios, com os seguintes objetivos:

“Colaborar com as entidades de atendimento aos pacientes, em seus programas de assistência aos pacientes carentes; promover atividades sociais e recreativas, nos recintos das entidades ou em outros locais, inclusive festividades em datas comemorativas, visando ao bem estar e à integração do paciente em seu meio; assinar convênio, sempre que julgado conveniente ou necessário, e no interesse de suas atividades sociais, com entidades públicas, previdenciárias ou particulares.”(Histórico e Estatuto constitutivo da Sociedade).

O grupo é composto atualmente por 32 voluntárias, que realizam suas atividades, distribuídas em turnos de meio período, geralmente no horário vespertino, de segunda a sexta-feira. O ingresso ao trabalho é feito através de uma entrevista e um treinamento onde a voluntária aprende a *“auxiliar sem interferir no atendimento médico”*.

A administração do grupo é feita através da eleição de cargos, conforme Estatuto da entidade. As voluntárias têm acesso a todas as dependências do hospital, sendo o trabalho desenvolvido de modo mais específico na área de radioterapia, por ser essa, segundo a voluntária entrevistada, uma área considerada de maior perda emocional e material, e, por consequência, com maior necessidade deste tipo de ação.

As voluntárias são identificadas pelo uso do uniforme, de cor rosa e, conforme a filosofia do trabalho, *“trabalham não só em prol do grupo de voluntárias, mas em prol do hospital, em conjunto”*.

A distribuição de mantimentos, roupas e calçados, realizada pelas voluntárias, inclui muitas vezes, os funcionários do hospital que recebem baixos salários.

As atividades das voluntárias são realizadas através das visitas aos quartos, procurando atender as necessidades dos pacientes internados, buscando proporcionar um mínimo de conforto e adaptação àquela nova situação. Essas atividades incluem também a doação de roupas, chinelos, materiais de higiene e mesmo o fornecimento de passagens de ônibus aos pacientes que querem ir para suas casas visitar os familiares e não têm condições de arcar com as despesas.

Por haver *“poucos funcionários”* as voluntárias muitas vezes ajudam também no horário do banho dos pacientes e na alimentação (hora do café e almoço).

As voluntárias se encontram durante o lanche com as colegas que realizam a atividade no mesmo dia, ou por ocasião de encontros festivos em datas especiais, como Natal, Páscoa, Dia das Mães e Dia do Voluntário. A reciclagem das voluntárias ocorre através da realização de cursos ligados diretamente à atividade, ou através de seminários como o ocorrido no período de 24 a 26 de maio de 1995, com temas sobre nutrição básica, sexo e saúde, infecção hospitalar, entre outros.

Por ocasião da entrevista e coleta dos dados para este estudo, estava em pleno desenvolvimento, com o envolvimento atuante das voluntárias e

principalmente da coordenação do grupo, o trabalho de reconstrução de um prédio no mesmo terreno do hospital que se encontrava em precárias condições e desativado há muitos anos.

A restauração desse prédio vai possibilitar o acolhimento de 42 pacientes de câncer de pele, de traquéia, de mama, que podem caminhar e se locomover. Após restaurado, o local será um tipo de hospital de apoio. Servirá para abrigar as pessoas em tratamento com radioterapia, que, mesmo sem serem “internadas” ocupando leitos, necessitam de repouso ou atendimento mais extensivo após as aplicações, e que por serem provenientes de outras cidades e com baixo poder aquisitivo, não dispõem de condições para arcar com despesas de estada, mesmo que por algumas horas. Nesse local será instalada também a sala das voluntárias.

O trabalho das voluntárias é desenvolvido em consonância com os princípios do grupo buscando amenizar as dificuldades que as pessoas enfrentam durante o período em que necessitam permanecer no hospital.

COMPLEMENTANDO

Por ocasião da coleta de dados sobre as instituições pesquisadas e das entrevistas realizadas com os voluntários, muitas foram as oportunidades de conhecimentos e informações específicas de cada instituição e de cada grupo visitado.

No desenvolvimento deste estudo, optamos por não mencionarmos o nome das pessoas entrevistadas ou com as quais tivemos contato. Contudo, não

podemos deixar de fazer um aporte especial, em relação ao trabalho das lideranças existentes nos grupos e instituições aqui referenciados, principalmente, quanto a forma responsável, consciente e organizada pela qual esses grupos vêm conduzindo-se e conduzindo o trabalho do voluntário no campo da ação social.

Cada visita, cada encontro era como adentrar no cotidiano da sociedade, era como penetrar nos problemas, na falta de dinheiro, nas carências sociais, materiais e afetivas, e, principalmente, encontrar nela a pessoa do voluntário, a ação do voluntário, buscando alternativas e caminhos de soluções imediatas, mas também abrindo caminho de soluções mais permanentes e duradouras.

O trabalho do voluntário existe atuante e de forma efetiva na realidade social, e as instituições aqui apresentadas servem para registrarmos isso.

A ação do voluntário se faz constante e reconhecida, já há algum tempo, entre a grande maioria dos assistidos e dos necessitados que este trabalho abrange. Começa, agora de forma mais evidente, a ser percebido também pela sociedade dos não-atendidos.

Observamos, na ocasião desse estudo, que os grupos também estão "mais crescidos", em sua estrutura organizacional e quanto aos objetivos a serem alcançados, fruto da vivência dos problemas, sempre crescente, da nossa realidade social, que vem exigindo uma participação cada vez mais efetiva dos grupos, no campo das lutas empreendidas. Evidencia-se, através das palavras dos voluntários entrevistados, o amadurecimento de uma consciência social e também da importância que os voluntários passam a ter sobre a realização do seu trabalho.

A atualização, a integração e a informação no campo da ação do voluntário ocorre através de encontros, jornadas e seminários, com um calendário bastante significativo.

Somente neste ano de 1995 foram realizados, entre outros eventos menores, o Seminário de Atualização de Voluntárias, nos dias 24 a 26 de maio, pelo Hospital de Caridade; a III Jornada do Voluntariado da Saúde, dia 23 de agosto, pelo Hospital Joana de Gusmão, em Florianópolis; e o VII Encontro das Voluntárias da Saúde, dia 14 de setembro, em Blumenau. Esses eventos reúnem uma diversidade de grupos e instituições, não somente da área hospitalar, mas procuram envolver todos os grupos que desenvolvem suas atividades através do trabalho do voluntário.

Deste modo, buscamos timidamente evidenciar o quanto do campo das ações dos voluntários permanece inexplorado, havendo muito ainda por ser visto e analisado em relação à atuação e ao desenvolvimento do trabalho dos grupos e das instituições existentes, como também do significado dessas ações na sociedade.

IV. O INDIVÍDUO E ATIVIDADE VOLUNTÁRIA

“Muitas vidas estão por um fio, venha ajudá-las. Seja voluntário no...

Cartazes com estes dizeres, espalhados em lojas do principal shopping center de Florianópolis, evidenciam a tendência de a atividade voluntária vir, gradativamente, a se tornar mais visível e integrante da dinâmica da sociedade, da maneira como já o faz do dia a dia de algumas pessoas, como um dos elementos escolhidos de forma espontânea, para integrar o seu cotidiano.

Para a continuidade deste estudo, partimos do princípio que o saber comum sobre a ação do voluntário na sociedade que a vê como atividade realizada basicamente com objetivo de ocupar um tempo livre, por pessoas que têm *“muito amor para dar”*, não representa todo o conhecimento do significado social desta ação.

Neste sentido, o presente estudo propõe apresentar uma releitura da ação do voluntário, visando também compor, a partir dos dados coletados, a estrutura que revele o significado dessa ação na sociedade.

4.1. Ser voluntário

Ser voluntário significa, para os entrevistados, a opção de desenvolver uma atividade, consciente de que não receberá qualquer tipo de remuneração por esse trabalho, e que ele, à maneira de um compromisso assumido de forma pessoal, passará a integrar o seu dia a dia.

Os voluntários entrevistados, em sua maioria são mulheres que, de forma constante, diária ou semanal, dedicam horas ou turno de seu dia a atividades realizadas junto a um grupo, associação ou instituição.

A participação dos homens começa timidamente a se fazer sentir, como parte desse contingente de mão-de-obra não-remunerada.

O tempo dedicado às atividades voluntárias entre as pessoas entrevistadas varia de um período de duas horas por semana a quatro horas diárias. Pode ocorrer, em alguns casos, a necessidade de atividades em finais de semana, por motivos emergenciais, ou por ocasião de festas internas ou promocionais que visem a arrecadar fundos e/ou a divulgar o trabalho.

Mesmo não tendo em vista uma análise quantitativa de dados sobre as ações dos voluntários, acredito que alguns percentuais apresentados possam servir como indicadores de tendências entre os entrevistados.

Das pessoas entrevistadas, 40,6 % dedicam-se de 3 a 5 anos, e 43,7% há mais de 8 anos a uma atividade voluntária. Observa-se a tendência de a ação voluntária passar a integrar de modo efetivo o cotidiano das pessoas, entre os outros compromissos e afazeres pessoais.

O tipo de treinamento recebido pelos voluntários, no início de suas atividades, é definido basicamente pela especificidade de cada grupo ou da instituição no qual irão atuar. Todavia, muitas vezes a realidade prática se sobrepõe à realidade prevista pelo voluntário, conforme relata uma entrevistada:

“Quando se começa a ser voluntário não se imagina pelo que se irá passar e nem as situações que se vai encontrar, algumas engraçadas de lembrar, outras muito dolorosas, difíceis de esquecer”.

Assim, a opção de ser voluntário inclui, para os entrevistados, a condição de colocá-los em contato direto com problemas humanos e misérias sociais, como mortes, suicídios, estupros, fome e doenças, exigindo deles uma verdadeira especialização para lidar com certas situações. Orientado pelo objetivo principal de socorrer e amenizar o sofrimento alheio, o voluntário se depara e se surpreende, muitas vezes, com a dureza da realidade.

A conscientização de que o trabalho voluntário deve ser *“bem feito e de qualidade”* é uma preocupação visível no discurso dos agentes da ação.

“Servir com eficiência exige mais que boa vontade. É necessário boa dose de esforço, dedicação, sacrifício e discernimento”.

“Quem acredita que apenas com o amor, fator indiscutivelmente essencial, estará realizando a parcela que lhe cabe para minorar o sofrimento humano, visa com certeza, muito mais saciar suas próprias necessidades, esquecendo-se que as necessidades alheias são profundas e complexas”

As entrevistas proporcionaram verificar que as pessoas realizam, no exercício do trabalho voluntário, dois tipos de atividades dentro dos grupos a que pertencem: São estas as atividades burocráticas, de coordenação dos grupos, liderança, secretaria, motorista, relações públicas, telefonista e administração

financeira; e atividades consideradas operacionais de trabalho direto com as pessoas atendidas, através dos cuidados com alimentação, higiene, recreação, costura, serviço de lavanderia, cozinha e atendimento fraterno, entre outras.

A diversidade de tarefas e responsabilidades que se inserem na prática dessa atividade esboça a estrutura organizacional sobre a qual se desenvolvem e se mantêm as ações dos voluntários.

Entre as pessoas entrevistadas, 56,2% são casadas, com filhos; destes, 53,1% estão na faixa de 40 a 60 anos. Os que realizam o trabalho voluntário e que também têm emprego fixo representam 18,7 % dos entrevistados. Esses dados proporcionam visualizar uma discreta tendência de mudança no perfil que se tem da ação voluntária, conhecida como uma ação exercida basicamente por donas de casa e aposentados, aliada à dependência de uma disposição máxima de tempo livre.

Observa-se, entre alguns dos entrevistados, que parece plasmar-se outra forma de maximização de tempo, que passa a incluir, entre as atividades ligadas à família, ao trabalho e ao lazer, também a ação voluntária. Deste modo, essa ação passa a ser realizada não unicamente como forma de preencher o tempo livre, mas como opção por uma atividade que passa a integrar-se a outras responsabilidades do dia-a-dia das pessoas.

O fato de as pessoas disporem de tempo para se dedicarem a alguma atividade é ressaltado por Rossanvalon (1984:97) como fator importante para o desenvolvimento da sociabilidade na sociedade. Segundo o autor, as pessoas precisam dispor de tempo para estender suas relações de vizinhança e exercitar

as “*formas de solidariedades curtas*”, sendo que as que dispõem de menos tempo são mais consumidoras do mercado e mais exigentes com o Estado.

Durante as entrevistas, os voluntários mencionaram a importância do apoio e da compreensão recebidos por seus familiares para que possam desenvolver as atividades, principalmente no que se refere às suas “*ausências*” do ambiente doméstico ou do grupo social.

Relatos houve, por exemplo, de situações em que o marido “*sugeriu*” à esposa voluntária que ela procurasse um “*trabalho melhor*”, “*mais limpo*” do que o realizado junto aos doentes, ou aos aidéticos, e um outro em que os familiares achavam que a voluntária deveria ocupar-se com “*alguma atividade que fosse mais produtiva, que lhe rendesse algo*”.

O trabalho voluntário exige, algumas vezes, uma reordenação na divisão das tarefas domésticas, principalmente quando na mesma família mais de um membro realiza esse tipo de atividade. Foi possível verificarmos, também, que membros de uma mesma família, que não são voluntários, realizam de forma indireta e não muito esporádica serviços aos grupos ou instituição em que o familiar atua. São os denominados pelos entrevistados como “*voluntários indiretos*” ou “*quase voluntários*”, que se transformam em executores das ações voluntárias realizadas além do âmbito dos grupos ou das instituições de trabalho, expressando assim uma forma de extensão dessas atividades na sociedade.

Dos entrevistados, 21,8 % realizam um segundo trabalho voluntário, às vezes ligados a uma instituição religiosa, desenvolvendo tarefas operacionais e

tarefas doutrinárias como catequistas, evangelizadores ou participantes de grupos de oração.

O trabalho voluntário é considerado entre os entrevistados como uma opção de vida, e que distante de ser considerado um *"sacrifício"*, é algo exercido *"com prazer"*. Segundo um entrevistado, *"ajudar não significa tirar de si, ou esgotar-se, mas, sim, fazer uma troca"*. Não representa, desta forma, a ação voluntária o papel de carrasco de exigências, ou uma forma de *"abnegação"* onde as distrações, hobbies e esportes tenham que ser deixados de lado.

Em relação ao exposto, observou-se entre os entrevistados uma preferência por leitura, cinema, viagens e trabalhos manuais, entre outras distrações; em relação á prática de esportes, a preferência se evidenciou pela ginástica e caminhadas.

A dedicação ao *"outro"*, numa forma contrária a uma dedicação exclusiva a interesses particulares, não significa uma eliminação das suas particularidades. Segundo Agnes Heller, as paixões, os sentimentos antes voltados unicamente para o *"eu"* mudam apenas de direção, orientando-se para o outro, *"convertendo-se em motor de realização do humano genérico"* (Heller, 1989:24).

Se, de um lado, a ação do voluntário é uma atividade realizada sem remuneração, de outro, os voluntários ajudam a manter os grupos e associações nos quais trabalham.

"A gente não ganha, ao contrário, paga para ser voluntário", relata uma entrevistada.

Verifica-se que entre as atividades desenvolvidas pelo voluntário está também a responsabilidade de mantenedor da instituição e do grupo. Esta é uma característica do trabalho que, se por um lado garante uma certa independência de ações, com menores chances de interferências e utilizações do trabalho para fins de promoção individual, por outro torna pessoal e constante a preocupação da manutenção dessa atividade, principalmente quando o trabalho envolve fornecimento e/ou uso de alimentos e medicamentos.

A possibilidade de maior ou menor grau de estabilidade financeira dos grupos e instituições se apresentou aliada à “*simpatia*” e ao reconhecimento que eles possam receber por parte da sociedade. Na análise das entrevistas, verificamos que as atividades voluntárias voltadas ao atendimento de crianças sensibiliza muito mais do que o trabalho com usuários de drogas, com aidéticos e mesmo com os idosos. Esse tipo de comportamento na sociedade, segundo os entrevistados, ao mesmo tempo que tem garantido maiores contribuições aos trabalhos com crianças, colocando-as em uma situação “*menos ruim*”, restringe as contribuições públicas a outros tipos de atendimentos realizados no campo da ação voluntária.

Nas palavras de um voluntário, “*se boa vontade fosse dinheiro, as instituições não passariam dificuldades*”; contudo, isto é apenas “meia verdade”, visto que a falta de pessoal é item constantemente apontado nas entrevistas, estando sempre relacionado ao fato de ser o número de atendidos, muito superior ao de voluntários.

Em relação à prática e preferências religiosas, os entrevistados se dividiram, numa ordem decrescente de frequência, entre católicos, espíritas, adventistas e metodistas. Uma pequena margem de diferença entre o espiritismo e o catolicismo conferiu a este último maior presença. O registro de outras crenças mostrou percentuais bem inferiores aos apresentados por essas duas religiões.

A diversidade das preferências religiosas que observamos entre os membros de um mesmo grupo serve para demonstrar que a afinidade religiosa não se constitui em um fator de importância para o ingresso do voluntário em determinado grupo/instituição. Isto se reforça na fala da voluntária:

“Não importa a religião, importa o amor que o voluntário tem para dar”

Observamos que o voluntário constrói a sua forma de participação social com uma preocupação com a qualidade da atividade que realiza, revelando uma tendência para a auto-crítica, identificando fatores que possam contribuir para maior produtividade nesse campo de ação.

Entre os dados levantados, destacam-se: a necessidade de maior número de voluntários (visando melhor e mais amplo atendimento aos necessitados); maior responsabilidade por parte de algumas pessoas dos grupos aos quais os voluntários pertencem; e menos burocracia (que muitas vezes é a responsável por impedir que auxílios e informações cheguem ao destino em tempo hábil, atrapalhando desta forma a plena realização do trabalho).

Em síntese, o voluntário se apresentou, nas entrevistas, como alguém que, além de outras tarefas e compromissos, resolveu assumir também um trabalho em

prol dos que necessitam, vivenciando através dessa atividade as dificuldades presentes nesse campo de ação, as quais, muitas vezes distante da “*nostalgia*” que possa parecer existir no “*fazer o bem sem olhar a quem*”, colocam o voluntário em contato direto com as mazelas da vida cotidiana, através da realidade da ação voluntária.

Dentro do quadro exposto, a realidade da prática de ser voluntário tende a romper definitivamente com a concepção tradicional que a reduz a uma forma pela qual as pessoas com “*tempo de sobra*” procuram, através de um trabalho voluntário, ocupar o tempo ocioso. A ação do voluntário se apresenta como uma opção que o indivíduo faz de romper com a sua particularidade e ir ao encontro do “outro”, redesenhando, desta maneira, uma forma pessoal de participação na sociedade.

4.2. É uma tarefa difícil ou fácil?

A atividade voluntária é apresentada pelos agentes como uma ação de fácil execução para uns e difícil para outros.

Os voluntários que consideram essa atividade fácil a relacionam à questão de “*não ser difícil dar amor,*” e que, por ser algo realizado por opção, proporciona prazer, dependendo somente de boa vontade.

Nem o fator tempo é problema, segundo a voluntária entrevistada, se a pessoa “*estabelece uma prioridade e inclui nesta o seu trabalho*”.

“Este é o primeiro; a partir daí eu passei a abrir mais meu campo. Quando a gente inicia no voluntariado, tem vontade de ajudar a todos, é uma coisa grande, não é uma coisa que fica ali e vai murchando, a coisa vai se estendendo sempre mais”.

Outro dado que levou os entrevistados a considerarem a atividade do voluntário uma tarefa fácil, é o fato de ser uma opção que faz a pessoa sentir-se valorizada e motivada, a ponto de se dispor a realizar trabalhos dos quais não tem conhecimentos ou de que não gosta e mesmo a realizar tarefas que não faria em um trabalho remunerado.

O exemplo do exposto é dado pelo depoimento desta entrevistada:

“Uma moradora fez suas necessidades na cama, estava só eu, não tinha quem ajudasse; saí de perto para não limpar, pois não tinha coragem. Andei uns dez metros, me arrependi e voltei para fazer a higiene nela, criei coragem e hoje faço normalmente”.

O que impulsiona as pessoas a romperem, em determinados momentos com as próprias limitações em prol do outro, tem a ver com a capacidade existente em todo ser humano de ser altruísta, enfatizado por uma “*moral cristã do amor*”, da qual nos fala Alberoni e Veca (1990:52).

Entre as dificuldades apresentadas pelos voluntários, foi ressaltada a exigência de uma disponibilidade interior (para vivenciar os problemas alheios) e de tempo, para a realização do trabalho. Essa é uma atividade que se diferencia

de qualquer outra no que diz respeito à conscientização que deve haver, por parte dos voluntários, em relação à necessidade de uma dedicação contínua e uma disposição para o aprendizado e o crescimento pessoal, constantemente exigidos no transcorrer da mesma.

“O voluntário vem para ser voluntário de forma individual, ele tem que fazer um entrosamento grupal, e vai ter que conviver com pessoas diferentes dele e é aí que reside um ponto difícil no voluntariado, tanto de respeitar as pessoas quanto de se entrosar no próprio grupo respeitando limites”, relata um entrevistado.

O exercício do trabalho voluntário exige também de seus agentes um estabelecimento de regras pessoais, que inclui uma conciliação das atividades pessoais e da vida familiar, juntamente com uma boa dose de persistência.

A tarefa do voluntário, segundo um entrevistado, se apresenta, em alguns momentos, de forma problemática, pelo fato de ser difícil manter as pessoas interessadas, principalmente considerando que o trabalho voluntário deve ser bem feito e de boa qualidade.

“As vezes as pessoas vêm com o interesse de resolver seus problemas espirituais, suas dificuldades, seus ressentimentos e mágoas da vida, então tudo isso tem que ir passando por um processo de purificação”.

Assim, a atividade voluntária constitui-se em algo que exige, muitas vezes, mais do que o voluntário está “preparado” para oferecer.

Neste sentido, Agnes Heller (1989) lembra-nos que é na vida cotidiana que se fazem presentes as exigências de uma boa dose de fé e confiança, mais do que em outras esferas da vida, no sentido de sua função mediadora diante das inúmeras situações.

O exercício de relações sociais, através da manutenção da relação intergrupar, e dessa com o trabalho voluntário, torna-se, por vezes, muito exigente para quem as realiza, pois segundo relata um entrevistado, *“as pessoas não colhem resultado imediato do que fazem e às vezes elas se cansam”*. Uma das tarefas mais difíceis nesse trabalho é manter acesa a *“chama”* do voluntário.

As experiências pessoais e do grupo, constantemente vivenciadas e relatadas pelos entrevistados, ao mesmo tempo que permite aos seus agentes conhecer o campo de ação em que atuam, terminam por se constituírem nas responsáveis pelo maior envolvimento e permanência das pessoas neste tipo de atividade. No dizer de um entrevistado:

“O voluntário tem em comum ‘o despertar’ de uma consciência comum; nós devemos fazer nossa parte nessa parceria, movimentando o voluntariado, deixando uma espécie de chama, de uma alma acesa aqui dentro”.

A estrutura na qual se instaura a ação do voluntário demonstra que, ao contrário de algo que seja feito de qualquer maneira, essa é uma atividade que exige dele, o exercício constante de relações sociais. Isso ocorre, segundo observamos, devido ao aprendizado social e político de negociar e intermediar

relações entre interesses pessoais e interesses coletivos, existentes na vivência efetiva dessa atividade.

A ação do voluntário representa desse modo, uma prática de relações sociais e políticas, que se expressa no convívio com o antagônico, com a diversidade religiosa, de etnias e filosofias pessoais. É um trabalho que, no seu contexto geral, apresenta uma dinâmica interativa representada pelas relações, compromissos e responsabilidades individuais e coletivas advindas dessa atividade. Ser voluntário, ao lado da satisfação que esta atividade proporciona, inclui também as dificuldades aqui apresentadas, como partes do "*pacote*" da opção dos seus agentes, de desenvolver essa atividade no social. Constitui-se, deste modo, a ação voluntária, representante de uma forma ativa de participação social, um exercício de cidadania sem a cédula do voto.

4.3. O que leva uma pessoa a realizar o trabalho voluntário?

O que faz com que um jovem de 20 anos passe a dedicar uma noite inteira por semana a um trabalho voluntário, ou que uma pessoa depois de se aposentar retorne ao mesmo trabalho, exercendo a mesma função, desta vez sem remuneração? Ou que algumas pessoas ocupem o seu final de semana na organização de feiras e/ou festas, visando unicamente realizar e divulgar um trabalho gratuito à comunidade?

Para que se torne possível a compreensão do que leva as pessoas a realizarem esse tipo de trabalho, é necessário sabermos o que sentem e o que

pensam os agentes dessa ação, procurando, identificar as motivações que se fazem presentes nessas pessoas para tal atividade.

Na análise das entrevistas foram identificados dois tipos de motivações que conduziram as pessoas na direção do trabalho voluntário.

O primeiro tipo de motivações é o que relacionamos como voltado basicamente ao interesse do próprio voluntário identificado com as *“perdas”* (de um ente querido), *“doenças na família”*, *“necessidade de ocupar o tempo”*, *“realização íntima”* e *“atendimento ao convite feito por uma pessoa amiga para participar do trabalho.”*

O segundo tipo de motivações é o que consideramos voltado para o *“outro”*, relacionado a partir do critério de maior frequência como: *“solidariedade”*, *“amor ao próximo”*, *“fraternidade”*, *“doação”*, *“compaixão”*, *“necessidade de ajudar as pessoas”* e *“ser útil”* a partir de *“uma participação mais ativa na sociedade”*.

Dentre esse segundo tipo de motivações a solidariedade* se apresentou como a principal alavanca que move a engrenagem das ações dos voluntários, impulsionada pela irmanação de diversos sentimentos, que se expressam pela sensibilidade das pessoas em relação ao sofrimento alheio.

* “A solidariedade nasce do hábito, do amor, da paixão. Nasce de movimentos tais como a fraternidade, o entusiasmo, a dedicação. Assume vários aspectos, como amor pela pátria, fé num partido, militância em prol de uma causa, em prol de uma idéia. E a partir dessa maneira fluida, ardorosa, deste magma emocional, surge o pacto, a organização, o partido, o Estado “ (Alberoni e Veca, 1990:57/58).

O amor-ágape, entendido como a representação do amor de Deus por todos nós, e existente em todas as pessoas, segundo Alberoni e Veca (1990:20:21), nos auxilia a demonstrar uma forma possível da origem do “*amor ao próximo*”, presença constante no discurso dos voluntários.

“Deus é o que comanda todos os nossos corações, através dessa nossa mobilização de amor ao próximo; ele é o fundamento, no aspecto de as pessoas olharem o próximo como um irmão”.

Desta forma, amor ao próximo, compaixão, fraternidade, amor do homem por seus semelhantes, são exemplos da manifestação do amor-ágape, que, ao revelar-se nos homens e através dos homens, é o responsável por fazer cada ser humano ver no outro um irmão.

“O amor ágape é um amor onde a gratuidade se torna consciente. Não é simplesmente intuitiva, também é uma conquista humana, é um cultivo”, expressa o entrevistado.

A exemplificação do amor ágape se faz presente também na situação em que o voluntário se coloca à disposição para prestar ajuda ao outro, como um amigo, como um doador, em uma relação unilateral, em auxílio ao próximo, ao desconhecido.

No exercício dessa atividade através da doação de afeto, atenção e amor, são obtidos resultados e alcançados objetivos que, mesmo passíveis de serem

mensurados, não constam em registro. Neste sentido, achamos oportuno apresentar o seguinte depoimento de um entrevistado:

“Morreram doze aqui no início, não dava para resgatar todo mundo, hoje eles não querem mais morrer, no começo a gente não conseguia convencer eles a viver, nós dávamos os remédios, mas as pessoas não tinham aquela vontade interior, a falta de vontade de viver precipita a morte das pessoas, e os remédios produzem pouco efeito, as pessoas não tinham fé na vida; então começaram a chegar os voluntários, muito carinho, atenção, muitas visitas, a auto-estima foi melhorando, eles passaram a gostar da vida”.

Ao representar a exteriorização do amor-ágape através do amor pelo próximo, a solidariedade * e a fraternidade, constituem-se presenças marcantes, e partes da instrumentalização das ações dos voluntários.

A presença do amor na prática da atividade voluntária não se apresentou relacionada a afinidades religiosas em relação ao trabalho ou com o grupo, do qual o voluntário faz parte.

Segundo um entrevistado, *“o que importa não é a religião, mas as atitudes”*, pois *“não existe credo para o coração”*.

“A solidariedade não há de ser entendida como uma abstração, mas como uma realidade concreta e um acontecer prático na vida, em função da necessidade e da indigência do outro”(Ullmann & Bohnen, 1993. posfácio).

Constatamos que a afinidade ao trabalho se efetua mais pelos ideais de fraternidade do que pela representação de princípios ou expressão de uma determinada religião.

Nesta oportunidade, reportamo-nos à entrevista concedida pelo antropólogo e teólogo Pierre Sanches (*), que se referiu ao enfraquecimento da religião como construtora de identidade dos indivíduos.

Sanches relata que atualmente:

“É o indivíduo o ponto de partida para a construção de sua identidade, para isso ele vai escolher elementos que correspondam a seus interesses, necessidades e inspirações”.

Esse dado se diferencia do que ocorria em uma religião tradicional, relata o antropólogo, em que o *“indivíduo aderiu a uma tradição, a uma instituição, dentro da qual recebia a sua própria identidade”*. Hoje, sugere Sanches, o indivíduo é o construtor do seu mundo simbólico, elaborando a sua própria identidade através da união de elementos tirados de várias fontes.

O voluntário constrói e se instala como habitante de um mundo mais fraterno, onde *“não importa a religião, importa o amor que o voluntário tem para dar”*. Neste mundo, o amor ao próximo e a solidariedade são os únicos dados contabilizados para o alcance dos objetivos visados nos ideais morais que se efetivam através da prática voluntária e da ajuda aos necessitados.

* Entrevista concedida à Folha de São Paulo, p.5, em 06 de agosto de 1995.

Ainda no segundo tipo de motivações apresentadas pelos entrevistados, o fato das pessoas quererem realizar algo útil foi bastante evidenciado. O trabalho voluntário lhes proporciona, a partir de uma atuação mais ativa, que não "*fiquem de fora*" e que estejam sempre "*presentes quando e onde for necessário*".

A realização da ação voluntária foi também descrita pelos entrevistados como capaz de provocar emoções comparadas ao "*nascimento de um filho*", à "*bênção de um pai*" ou a um "*nascer todos os dias*", ou mesmo por expressarem em si a razão da própria existência, o que nas palavras de um voluntário, "*significa a própria vida*".

A atividade voluntária foi apresentada como responsável por mudanças concretas na vida dos voluntários, sentidas principalmente através de uma "*reordenação*" na maneira pessoal de viver, proporcionada pelo constante aprendizado, através das relações emergentes a partir da realização do trabalho.

"Mesmo quem antes vivia na casca do ovo encontra neste trabalho uma forma de fazer novas amizades", disse o entrevistado.

O exercício do trabalho, propiciou segundo relato de seus agentes, que se tornassem mais "*conscientes das dificuldades e necessidades de outras pessoas*", ou mesmo, "*mais tolerantes*", "*organizados*", "*flexíveis*" e "*menos egoístas*".

Essas mudanças, proporcionadas a partir da realização do trabalho voluntário, se refletem na vida das pessoas na forma de uma nova postura adotada frente às dificuldades vivenciadas no seu cotidiano e também pelo fortalecimento da capacidade de enfrentamento dos problemas pessoais e familiares.

“O voluntário se torna alguém mais preparado para a vida, com um melhor relacionamento familiar e social”, exalta um entrevistado.

O fato de as pessoas realizarem uma atividade voluntária se apresentou também como responsável por um crescimento no campo da moral (*“os valores se modificam, a gente deixa de ser fútil, fica mais pé no chão”*), proporcionando aos seus agentes a valorização das próprias potencialidades, e até mesmo uma melhora da condição física foi relatada por uma voluntária, devido à satisfação de realizar o trabalho voluntário, pelo redescobrimento de novos valores. Segundo uma entrevistada, *“as pessoas que se queixam da vida deveriam vir trabalhar no hospital”*.

Esta exultação de novas emoções vivenciadas pelos voluntários a partir da atividade voluntária leva-nos a identificar o que Alberoni denomina de *“estado nascente”*.

O estado nascente, expressão que Weber usou para expressar a fase inicial, fluída, existente no carisma, é adotada por Alberoni para designar uma experiência que se realiza nos níveis individual e coletivo, gerando uma nova solidariedade, uma ação social do tipo novo, que se faz sentir como *“uma onda de choque sobre as estruturas estabelecidas e uma vontade de renovação radical, uma exploração do possível, procurando realizar alguma coisa daquilo que havia sido vislumbrado”* (Alberoni, 1991:37).

Do ponto de vista sociológico, Alberoni (1991) identifica o momento do *“estado nascente”* como a construção de um novo tipo de solidariedade, que surge quando as forças que compõem a solidariedade social falham.

Ao mesmo tempo que é apresentado como um “*tipo de opção de vida muito profundo*”, o trabalho voluntário representa, para os indivíduos que o realizam, a oportunidade de vivenciar e expressar totalmente suas potencialidades.

“Dá uma alegria incontida, é como se eu fosse parindo, me sinto responsável para animar as pessoas na direção do amor, é como se eu estivesse grávido de um mundo novo e fosse parindo pessoas para este contexto de viver para servir”, expõe um voluntário.

Na continuidade do até aqui exposto, vimos que, motivado pelos sentimento de solidariedade como uma expressão do amor-ágape através dos homens e entre os homens, as pessoas se voltam e se interessam pelos problemas dos outros.

É a ação voluntária também uma forma de estabelecimento de relações pessoais e sociais, que se estendem e se multiplicam a partir das novas relações propiciadas pelo atendimento às pessoas que necessitam.

“A prática da atividade voluntária é descobrir o caminho de criar vínculos cada vez mais duradouros”, relata um entrevistado.

A solidariedade, a responsabilidade, o compromisso ativo, presentes nessa ação evocam uma continuidade, que propõe um fim ao imediatismo e confere às ações voluntárias um significado, uma “conexão de sentido das ações”*, que, objetivando um “*mundo melhor*”, se concretiza através dos laços coletivos de solidariedade.

* A apreensão da conexão de sentido que pertence a uma ação compreensiva de maneira atual segundo seu sentido subjetivamente visado (significado causal). (Weber 1994:6).

A ação do voluntário se apresentou como constituída em sua estrutura básica, por sentimentos que, representados numa escala axiológica, se expressam pelo *“desejo de ajudar”*, de *“ser útil”*, de *“servir”*, pela *“compaixão”* e *“amor”*, que são, em seu conjunto, representativos da prática da solidariedade, identificada neste estudo como o cerne na constituição das ações solidárias de caráter altruísta. A nossa narrativa é exemplificada pelas palavras da entrevistada que disse: *“Se uma pessoa estivesse caída na rua precisando de ajuda, provavelmente seria primeiro acolhida por um voluntário”*.

As motivações que conduzem as pessoas à atividade voluntária também as colocam em contato com outra realidade, diferente das vivenciadas pelas pessoas em sua particularidade.

Em síntese, buscamos apresentar neste capítulo, as motivações que guiam as pessoas na direção de um trabalho cujo objetivo é colocar em prática *o desejo de ser útil, através de um trabalho de doação*. De forma específica, apresentamos as motivações que *“despertam”* as pessoas para a realização do trabalho voluntário, para um trabalho voltado para o *“outro”*, para o *“próximo”*, e que os coloca também do outro lado do cotidiano da sua realidade, do lado oposto do seu ser particular.

Contudo, acreditamos que mesmo os impulsos altruístas têm uma direção objetivada para que possam expressar plenamente, através de ações práticas e contínuas, o sentido fraterno de ajuda ao próximo. É, portanto, percorrendo esse caminho, que continuamos aprofundando os nossos passos em direção à compreensão de como se constrói esta atividade na sociedade.

4.4. O voluntário no campo das ações sociais.

O fato de o trabalho do voluntário ser considerado *sem substitutos* por 93,8% dos entrevistados resulta, segundo observamos, da característica estrutural dessa atividade.

“É difícil um trabalho governamental do mesmo nível, nada substitui o trabalho voluntário, os órgãos públicos só complementam”.

“Os únicos permanentemente motivados, independente da crise, são os voluntários”.

“As organizações voluntárias ajudam muito mais a pessoa que passa por dificuldades, do que o governo; através do voluntário ela sabe que vai ser atendida, receber algo; em um órgão do governo isto não é garantido, mesmo que ele tenha o que dar”.

Essa realidade visualizada no campo das ações voluntárias, através do discurso dos seus agentes, ajuda a esboçar a tendência deste tipo de trabalho ter uma vida longa e a permanecer de modo definitivo na sociedade.

Na opinião dos entrevistados, o governo, é visto como omissor. Isto se justifica pela falta de programas eficientes na prevenção dos problemas sociais, revelando-se esse principalmente ineficaz e sem estrutura para arcar ou combater os atuais e prementes problemas sociais.

A omissão do governo é sentida, e muitas vezes de maneira dramática, pelas pessoas que realizam ações voluntárias, principalmente no que se refere à falta de medicamentos e assistência especializada.

Sobre o assunto, registramos a indignação nas palavras de um entrevistado, em relação específica ao trabalho que desenvolve:

”O governo tem obrigações institucionais com essas pessoas; embora não assumam isso, hoje o governo brasileiro é um grande traidor da causa do deficiente”.

O papel de “complementador” do Estado junto às instituições é algo que está deixando paulatinamente de ocorrer. *“Cada vez mais o governo se omite, porque tem a certeza que cada vez mais os particulares se envolvem”*, relata uma voluntária.

Os voluntários vivenciam, no dia-a-dia da atividade, os problemas de carências materiais, sociais e as suas conseqüências na vida das pessoas, dos grupos e da própria sociedade. São muitos os momentos em que isto pode significar a vida ou a morte da pessoa atendida.

Um exemplo é citado por uma entrevistada:

“Não há interesse de colocar aparelhos de tratamento de câncer em hospitais das cidades do interior do Estado, pois o câncer não dá lucro; desta forma, condenam o paciente a viajar 12 horas em um ônibus, mesmo que ele não tenha condições financeiras. É dramático. Felizmente, muitos se recuperam, o câncer já não significa unicamente morte”.

A ação do voluntário representa, a nosso ver, mais do que uma demonstração de fraternidade universal ou altruísmo imanente de uma moral cristã. A responsabilidade pessoal e o compromisso com a sociedade, que se evidencia através do discurso de seus agentes, apresenta a ação do voluntário como algo que vai além de mera prática efetiva de auxílio ao próximo. Mas revela, também, uma ação produtora de uma consciência ética, moral, segundo observamos na narração de um entrevistado.

“Em pobre no Brasil ninguém investe, todo mundo quer investir em algo que lhe traga retorno; Qual o retorno que uma pessoa doente, pobre e às vezes negra pode trazer? Mas o voluntário acredita que ele traga, e tanto acredita que investimos nele”

O voluntário sabe que não pode contar com a solidariedade governamental para a condução de suas atividades, mas nem por isso deixa de acreditar que ações interativas com o governo sejam possíveis, como as que já ocorrem de maneira efetiva, no caso em que o trabalho voluntário é desenvolvido dentro de uma instituição governamental em conjunto com os profissionais do serviço público.

Entre os entrevistados, observou-se o pensamento de que *“não há governo no mundo que dê conta dos problemas sociais e em todos os países do mundo existem voluntários”*, sendo esta uma ação apontada como uma tendência *“que faz parte da evolução da humanidade”*.

Pode-se constatar que o voluntário se sente omissos se deixar o trabalho social sob total responsabilidade do Estado. Neste sentido, relata um entrevistado: *“A gente não pode deixar só nas mãos dos órgãos públicos, aí também a gente está sendo omissos, mas o governo tem que fazer a sua parte”*.

Para um dos voluntários, o poder público tem de entrar com o nível técnico para a manutenção dos serviços sociais e assistenciais, mas a *“direção dos trabalhos tem que permanecer carismática, tem que ser voluntária”*, sem vínculos empregatícios, sem poderes de manipulação, isto é necessário para *“dar uma qualidade diferente de obra pública, que fica ‘inchando’, como cabide de emprego”*.

Observa-se que tende a se formar, entre as pessoas que realizam o trabalho voluntário, uma “consciência solidária”, ou seja, uma consciência de que a ação do voluntário se faz cada vez mais necessária frente aos problemas sociais que se avolumam. A ação do voluntário começa a ser vista inicialmente pelos seus agentes como parte do desenvolvimento de uma sociedade, e mesmo como parte do desenvolvimento “natural” da humanidade. Essa ação surge como um caminho alternativo para amenizar os problemas sociais.

O voluntário se sente responsável e capaz de realizar mudanças, e sua participação na sociedade através da atividade voluntária é uma forma de expressar que o problema não é só do “outro”, ou do “governo”. Através de uma autocrítica, o indivíduo coloca-se no centro da discussão, e mais que um compromisso pessoal, a ação voluntária é assumida como um compromisso com o social.

Se a ação voluntária parece ter tomado para si a condução de ações visando minorar o sofrimento alheio, percebe-se que isto não tem sido feito de forma desordenada ou impulsiva. O altruísmo, característica desse tipo de atividade, se vê envolvido com práticas que requerem, em determinados momentos, ações conscientes e responsáveis por aqueles que desenvolvem esse tipo de trabalho.

“O voluntário tem que ter o cuidado de não atrapalhar, principalmente o trabalho dos funcionários das instituições, pois o voluntário tende a dar-se muito além do que o funcionário”, menciona o entrevistado.

A ação do voluntário apresenta condições de se estender a campos não convencionais de prestação de ajuda, aos quais outras ações, principalmente as ações governamentais, não têm acesso por falta de interesse, de verbas, excesso de burocracia e pouca criatividade. A omissão do governo tem deixado lacunas que estão sendo preenchidas pelo trabalho do voluntário.

“Nós não nos doamos para o hospital, nós nos doamos para o paciente, este grupo vai comprar o que o governo nunca vai dar”, diz a voluntária.

No que depender de seus agentes, a ação do voluntário, permanecerá atuante e responsável por uma qualidade de atendimento que a diferencia dos serviços públicos prestados. Nos serviços públicos, segundo um entrevistado, “as

peças perdem, com o emprego, a relação de fraternidade", o que permanece sempre presente nas ações dos voluntários.

A atividade voluntária possui ingredientes que servem de "amaciantes" das relações entre os que precisam e aqueles que fornecem condições materiais para o atendimento. O executor é o voluntário, e este se transforma em uma ponte por onde transitam os serviços de quem se doa para quem recebe.

A grave crise das instituições públicas de assistência social à saúde e os baixos salários dos seus funcionários contribuem para que a ação do voluntário seja vista pelos funcionários das instituições onde atuam como capazes também de ajudá-los na sua vida particular. Estende-se, assim, a ação dos voluntários ao campo institucional, abrangendo os funcionários de baixa renda, com fornecimento de alimentos, remédios e roupas.

A confiabilidade que a sociedade deposita no trabalho do voluntário cresce paulatinamente pelo fato de expressar confiança. *"As pessoas confiam mais em um voluntário do que em um administrador, a gente consegue mais coisas"*, diz uma entrevistada. Essa constatação demonstra que a falta de credibilidade das pessoas nas ações do governo tende a alimentar e reforçar o campo de ações voluntárias na sociedade, reafirmando, mais uma vez, a sua permanência.

Em referência a sociedade em geral, essa se comporta mais como expectadora da ação do voluntário do que como partícipe do processo. A ajuda não parte espontaneamente, é preciso *"estar pedindo"*, não existe uma cultura de participação espontânea na sociedade. As pessoas costumam falar *"se precisar alguma coisa me telefona,"* relata uma voluntária.

“Muitas pessoas acham bonito e admiram o trabalho voluntário, mas não sabem como funciona; muitas apoiam, mas não contribuem”.

“Muitas vezes temos que separar, do material doado, o que vai para o lixo daquilo que pode ser efetivamente utilizado”.

Segundo nos foi relatado, existe um desconhecimento do trabalho voluntário na sociedade, uma desinformação, e mesmo um preconceito daqueles que ainda consideram o trabalho voluntário algo que é realizado por *“gente que não tem o que fazer”*.

A falta de participação mais ativa da sociedade se deve ao fato de as pessoas terem medo de se comprometer, ou de assumir uma responsabilidade. O contrário das pessoas que *“não querem se envolver, se incomodar”*, o voluntário é *“alguém que quer se incomodar, se envolver”*, diz uma entrevistada.

É neste momento que o voluntário, no contexto de nossa análise, passa a evidenciar a sua escolha pelo humano-genérico, pelo coletivo.

Na realização deste estudo, observamos, que a ação voluntária começa a contar com uma tímida participação empresarial*. O modo mais assíduo de participação de empresas tem sido o que se relaciona à doação de gêneros alimentícios aos grupos e instituições cujo atendimento inclui o fornecimento de refeições. Outra forma tem sido através de doações esporádicas para atividades festivas, como bingos e loterias.

* O estudo sobre a filantropia empresarial na América Latina apenas recentemente começa a ser realizado. Fernandes (1994:99/101) se refere, a partir de dados sobre estudos recentes no México e no Brasil, *“que é no Brasil ao que tudo indica, que encontramos uma tendência dinâmica de propagação do conceito de investimentos privados no social”* e através da análise sobre o crescimento de iniciativas neste campo de ação, o autor conclui *“que a filantropia empresarial no Brasil passa por um período de transição que poderá inaugurar um estilo mais participativo do capital em investimentos sem fins lucrativos”*.

O campo que nos pareceu mais significativo, e relativamente disposto a uma participação mais efetiva, é o que se relaciona às campanhas publicitárias de divulgação e arrecadação de verbas em benefício dos grupos voluntários, envolvendo a participação de canais de televisão, jornais (através de matérias sobre o tema e reportagens com as instituições) e "spot" em rádios AM e FM.

Contudo, somente em um dos grupos pesquisados encontramos o que podemos chamar de um planejamento de trabalho que envolvesse o grupo e o empresariado. Acreditamos que a adoção desse procedimento em maior escala concorreria para que a participação dos empresários se tornasse mais efetiva e conseqüentemente mais produtiva, resultando em facilidades e melhores condições de atendimento às pessoas necessitadas.

A reflexão sobre as informações colhidas nos impõe o pensamento de que, apesar dos pesares, a sociedade civil continua a ajudar e a manter, de forma indireta, o trabalho voluntário. Consideramos, inclusive, que a sociedade tem acompanhado o crescimento das ações voluntárias, no sentido de que estas, ao tomarem maior vulto, têm exigido maior participação daquela.

Contudo, é a passos lentos que caminhamos para o que se pode denominar de uma sistemática forma participativa da sociedade, principalmente do empresariado, nas ações voluntárias.

Do contexto geral das entrevistas, no que se refere à ação voluntária e à sociedade, constatou-se que o voluntário é um indivíduo que demonstra conhecer o contexto geral social em que está inserido e no qual presta serviços, sendo capaz de uma auto-análise crítica do seu campo de atuação.

Vivenciando a constante omissão por parte do governo, as atividades dos voluntários passam cada vez mais a se constituir em valioso instrumento de atuação no campo dos problemas sociais. O discurso de seus membros acena com uma disponibilidade para ações efetivas, em parceria com a sociedade e com o Estado, no sentido de minorar o sofrimento das pessoas, mais do que as já realizadas.

A ação voluntária se apresenta, a nosso ver, como um parceiro com quem o Estado e a Sociedade sabem que podem contar, pois mesmo que estes participem mais, é o voluntário o agente e o executor desse tipo de trabalho na sociedade.

Com o pensamento sempre permeado pela palavra “*amor*”, o voluntário realiza seu trabalho através de práticas voltadas a “*fazer o bem sem olhar a quem*”, evidenciando, desta forma, o caráter altruísta da ação.

“Se o governo fosse eficiente não precisaria do voluntariado, mas por outro lado, se não houvesse o voluntariado as pessoas se envolveriam menos, o voluntário vira coisa de humanidade, de integração”, relata um entrevistado.

À parte de uma visão nostálgica, que às vezes se possa vislumbrar na realização dessa atividade, o voluntário é alguém que tem, através da vivência do dia-a-dia da mesma, a noção das dificuldades do seu campo de ação. A realidade do trabalho do voluntário faz o indivíduo passar a atuar em um campo que não é mais o pessoal, mas, aquele em que as vivências da atividade o colocam. A ação voluntária tira-o do âmbito restrito da sua particularidade e o conduz para a esfera coletiva do social, como agente e como construtor.

“Não só os voluntários percebem como são mais amplos os interesses da coletividade; a sociedade vai também percebendo que existem setores que privilegiam esses interesses, setores cada vez mais fundamentais para o futuro e a sobrevivência da própria sociedade”, escreve um voluntário.

Deste modo, a ação do voluntário vai tomando corpo na sociedade e na mente dos indivíduos, mesclando solidariedade à relação social, na confrontação dos problemas da realidade e do cotidiano, vivenciados através da prática da atividade.

V. TECENDO A ESTRUTURA DA ATIVIDADE VOLUNTÁRIA.

5.1. Como se constrói essa atividade?

“De repente a gente participa de dois mundos que era um, e que hoje são dois: o de antes, sem muitos amigos voluntários e o de agora, entre amigos voluntários, aí a gente começa a influenciar os que estavam atrás, para virem para a frente...”

As palavras da voluntária nos fazem crer que o mundo simbólico de ser voluntário, a partir da adoção espontânea dos elementos constitutivos dessa ação, passa a fazer parte de sua cotidianidade, modificando-a.

Referimo-nos anteriormente à solidariedade, ao amor ao próximo, à fraternidade, à compaixão e à necessidade de ajudar ao “outro” através de uma participação mais ativa, como alavancas que movimentam o trabalho do voluntário. Encaminhamo-nos agora para compreendermos o que torna possível a efetivação desses impulsos em ações práticas.

Ser voluntário, segundo o agente da ação, é uma doação em benefício do próximo, com objetivo de realizar algo útil, sem retorno financeiro, em que a solidariedade é apresentada como o cimento dessa construção.

Além disso, essa é uma ação que se expressa também como o meio possível de proporcionar, de forma consciente, o alcance dos objetivos de quem a realiza. Isso tudo, aliado ao fato de o voluntário ser *“alguém que não espera por ninguém, começa, e os outros a ele se juntarão para que a obra seja realizada”*, nos aponta para os caminhos a serem trilhados até a textura dessa ação no social.

Deste modo, a “*vocação para ser samaritano*” e o “*exercício prático do bem comum*” (*), apresentados pelos agentes da ação e por nós considerados como elementos complementares da eficiência na construção da atividade voluntária, ao lado da responsabilidade e do compromisso, vêm juntar-se aos elementos que vão aos poucos compondo o significado de ser voluntário na sociedade.

A partir do exposto, continuamos a aprofundar um pouco mais o significado de ser voluntário, procurando agora identificar o que liga os sentimentos, ou melhor, quais condutores levam os sentimentos altruístas e a vontade de ser útil á prática efetiva, proporcionando desta maneira o atendimento aos desejos e realizações anteriormente objetivados por seus agentes, os voluntários.

5.2. Os fios condutores da ação do voluntário

A realização da ação do voluntário, a partir da análise das entrevistas, se apresentou como uma atividade que requer de seus agentes “*disponibilidade de tempo e de coração*”, “*boa vontade*”, “*amor ao próximo*”, “*vontade de servir*”, “*dedicação*”, “*caridade*”, “*paciência*”, “*desprendimento*” e “*vontade de acertar sempre*”, entre outros.

(*) O “bem comum” é aqui expresso no significado de ser algo contrário à opressão e à subjugação, representando, um proveito para todos os membros inseridos em uma relação recíproca, através da qual se instaura o aperfeiçoamento e a eficácia do conjunto (Ullmann & Bohenen, 1993:92).

Este elenco de “*dispositivos motivadores*”, ao mesmo tempo que representa também alguns dos requisitos apresentados pelos voluntários para as pessoas que queiram realizar uma atividade com o objetivo de servir a outrem, confere à ação do voluntário a identificação com uma conduta orientada de modo racional por valores (Webber, 1994).

Observamos que os entrevistados evidenciaram o fato de “*querer ser útil*” como o principal motivo que os levou a buscar, através da prática das ações voluntárias, a efetiva e imediata realização de seus objetivos de “*doar-se, sem retribuição*”, “*fazer o bem*” e “*lutar pelo próximo*”, “*buscando minorar as dificuldades de quem sofre*”. É dessa forma que os voluntários procuram atingir os fins objetivados para que, “*através do trabalho voluntário possa surgir uma sociedade mais justa e preocupada com o ser humano e não só consigo mesmo*”.

A análise de tal enfoque se apresentou ao nosso ver estreitamente ligada ao que Max Weber denominou de ação social racionalmente orientada para fins e valores, no sentido dessa ação proporcionar a condução ao objetivo visado pelos seus agentes através das ações de solidariedade.

A perspectiva de uma finalidade visada nas ações dos voluntários se evidenciou no relato da voluntária, de que abandonaria o grupo caso houvesse dúvida de atingir os objetivos propostos na ocasião do seu ingresso no mesmo.

O sentimento de “*amor ao próximo*”, na forma de solidariedade, essa nova forma de se relacionar com o mundo, é amplamente identificado com um dos elementos que conduzem as pessoas à prática da ação voluntária, responsável

também por fazer disparar o “*processo*” do “*ir ao encontro do outro*”, pelo qual se constrói as bases do caminho para a realização dessa atividade.

A realização do trabalho voluntário se constitui, para os entrevistados, uma “*opção de vida*”, pela qual o indivíduo passa a incluir no seu mundo o “*outro*”, o “*semelhante*”, o “*qualquer um*”, representantes que são, na realidade, da sociedade, da humanidade.

O exercício da atividade, segundo os entrevistados, exige uma “*reeducação*”. Isto ocorre principalmente pela “*maior conscientização das dificuldades e necessidades de outras pessoas*”. A consciência de viver em grupo proporciona visualizar os limites e tolerâncias, que incluem em um contexto maior, a percepção do que pode e deve ser mudado a partir da ação do voluntário.

É possível verificar, através das entrevistas realizadas, que não basta para o desenvolvimento da atividade voluntária o impulso de querer ajudar, ou a realização quantitativa do trabalho. É necessária disponibilidade e espírito de grupo. Nem todos podem ser voluntários, relata um entrevistado. Há pessoas que “*não têm jeito*”, que não se adaptam às normas ou ao convívio do grupo, “*precisam saber conviver*”, exercitando o sentido de igualdade para todos, em um campo onde o genérico deve sobrepor-se ao particular.

Expressões que identificam o voluntário como “*alguém que se sente responsável perante a sociedade, perante as leis, exercendo os direitos de cidadania e progresso*”, movimentam os entrevistados em direção à praticidade.

Para os voluntários, esta atividade é compreendida como um compromisso que deve ser realizado com responsabilidade, da mesma forma que qualquer

outro trabalho, cuja única diferença reside no fato de não ser uma atividade remunerada.

“A gente ama, mas tem que ser com responsabilidade”, afirma uma voluntária.

A possibilidade de realizar uma atividade que lhe proporcione aliar, de maneira real, o sentimento de solidariedade à perspectiva de participação na construção de uma sociedade mais digna foi o que levou os entrevistados a engajar-se nos grupos de trabalho.

O trabalho do voluntário, também conhecido como um serviço de *“quem dá aos pobres, empresta a Deus”*, vem construindo-se, na realidade, sobre bases que evidenciam uma nova forma de conduzir essa atividade no social. Deste modo, o trabalho não se apresenta como algo que é feito buscando garantir um *“lugar no céu”*, ou exclusivamente para ocupar o tempo.

“Você tem que encarar ele como um serviço pelo qual você optou conscientemente, espontaneamente, e que você vai se doar”, e “quem não puder ajudar que não atrapalhe o trabalho voluntário”, declara uma entrevistada.

Ao ser apresentada através dos seus agentes como dotada de *“sentimentos altruístas”*, a ação do voluntário expõe, também segundo nossas observações, a racionalidade presente nessas ações advindas da opção por esta forma de participação no social.

Neste sentido, buscamos refletir sobre o que leva o indivíduo a deixar de ver o mundo unicamente sob a ótica de seus interesses pessoais para se voltar para o *“outro”*, adotando atitudes impessoais em prol de interesses comuns.

Passando a partir disso, a direcionar seus sentimentos e atos pautados agora sob uma nova ótica.

Segundo Alberoni e Veca (1990), a essência da ética moderna, é a reflexão racional dos indivíduos sobre as formas de ações possíveis que visem a minorar dificuldades e sofrimentos daqueles a quem consideramos semelhantes.

“A doença fragiliza muito, não importa a condição financeira, o dinheiro pode comprar várias coisas, mas não compra o diagnóstico”, relata uma voluntária.

Na linha de pensamento exposta por esses autores somente a razão torna possível às pessoas se interessarem por problemas alheios e a assumí-los como seus. Somente a razão faz com que as pessoas reflitam sobre as *“igualdades, certo e errado, levando-nos para o terreno da moral”* (Alberoni e Veca, 1990:58).

Assim, identificamos nas ações dos voluntários a racionalidade e a reflexão racional como as responsáveis por conduzir as pessoas a realização de seus desejos de vivenciar os sentimentos de “amor ao próximo” (presente em maior ou menor grau em todas as pessoas) através de meios e ações práticas.

A realidade do trabalho do voluntário apresenta situações e experiências vivenciadas que o distanciam cada vez mais do que se pode supor como uma ação realizada de forma puramente emocional ou devocional, sem uma consciência reflexiva.

Os voluntários aprendem a utilizar, na prática, os recursos disponíveis que sejam necessários em um determinado momento para o alcance dos objetivos, sem perder de vista o momento seguinte, o da continuidade do trabalho sob a

textura da fraternidade e da qualidade, presenças permanentes no seu atendimento.

Rezar com o paciente é muito importante, mas qual a oração que ele clama naquele momento? É um Pai Nosso, ou é gritar para que eles resolvam o problema dele? Ou para que ele faça um exame? Ou ganhe um medicamento? Que oração é esta? Existem muitas formas de orar, não é? Uma forma é você clamar por um atendimento mais rápido para o que necessita. ” diz a voluntária.

O que significa a moral, na continuidade de nossas reflexões, senão pensar no outro, optando pela solidariedade ao invés do egoísmo?

“Odeio o horário de visita que discrimina o paciente que está em apartamento pago do não pago; o apartamento pago não tem horário de visitas, o pobre tem, sempre ocorre uma marginalização do mais pobre, protesta uma voluntária.

O que realiza a moral, senão fazer com que as pessoas se voltem umas para as outras, transcendendo o ponto de vista pessoal? É a moral, portanto, que encaminha o indivíduo a escolhas que, por sua vez, o conduzem a caminhos que possam expressar, através de ações práticas, este novo comportamento.

Para Alberoni e Veca (1990), a moral está sempre presente nos indivíduos, representada pela sua capacidade de amar, e renasce continuamente através do dilema, por uma determinada escolha.

Para Agnes Heller (1989:24), quanto mais motivado pela moral (pelas coisas do mundo), pelo mundo ao seu redor, mais a particularidade se eleva no indivíduo à esfera da genericidade.

A moral, portanto, atua como um dos impulsores que vai fazer com que a ação voluntária se apresente como uma forma pela qual se efetiva a comunicação e a identificação do indivíduo com a sociedade. Neste caso, a moral é que vai despertar o indivíduo para a consciência social.

As reflexões sobre as vivências, provocadas pelo exercício da empatia universalista de *“sentir o mundo”*, fazem com que o homem *“desperte”* consciente da sua individualidade, para o humano genérico. Este momento pode ser comparado ao da *“catarse”* a que se refere Agnes Heller, quando o indivíduo atinge o *“cume da elevação moral acima da cotidianidade”* (op.cit.:26).

Portanto, é a moral, fruto da reflexão racional, que atua preponderantemente sobre o modo e a condução das ações das pessoas e suas escolhas. Na análise específica deste estudo, é a moral identificada como um dos impulsores na escolha que o voluntário faz por deixar de vivenciar unicamente o seu eu particular para se permitir sentir o mundo ao seu redor. É a moral que atua quando o voluntário faz a escolha por vivenciar a solidariedade ao invés do egoísmo, constituindo-se, deste modo, em um dos elementos formadores da ação voluntária na sociedade.

Mas a moral sem intenção não tem sentido de “*construção*”. Qualquer moral que decida passar sem a intenção, limitando-se à mera moral, segundo Alberoni e Veca, é desprovida de sentido, pois a “*intenção é condição indispensável para a eficácia*” (1990:89).

O voluntário é alguém que projeta, através da prática efetiva de seu trabalho e da continuidade de sua atividade, a construção do futuro que almeja.

Na análise das entrevistas, observamos, a ação do voluntário realizada como um meio de atingir objetivos, no sentido de buscar desenvolver, através do exemplo desta prática, a “*conscientização das pessoas de que o mundo pode ser melhor com a solidariedade de todos*”.

Nesta significação, segundo os entrevistados, o trabalho que possibilita a prática do amor ao próximo é também o meio pelo qual é possível construir um “*universo mais harmonioso*”, habitado por “*seres mais felizes*”, mesmo que não tenha data nem tempo previsto para que isto ocorra, mas que proporcione a quem o realiza uma condição de “*melhora íntima*”, “*realização interior*”, não mensuráveis, mas cambiáveis, como moeda corrente no cotidiano dos voluntários.

As pessoas que realizam o trabalho voluntário são as que já não se contentam em realizar esta participação através da contribuição financeira, mas que procuram fazer um trabalho que vise à continuidade do que já faziam de forma que ultrapasse a doação de alimentos ou pagamento de carnês.

Os voluntários entrevistados se revelaram estreitamente ligados ao fato de poderem ser úteis, sem almejar retorno financeiro, cientes de que a conscientização do mundo frente às misérias sociais pode ser ampliada através

da solidariedade de todos, e que a ação do voluntário se apresenta como o meio possível de minorar o sofrimento e as mazelas alheias, podendo seus agentes, a partir dessa atividade, participar da construção de *“uma sociedade mais digna e humana”*.

Para os entrevistados, o trabalho voluntário representa o meio escolhido pelo qual podem desenvolver projetos que visem ao bem-estar dos indivíduos. É esta uma forma de “estar” e lutar no campo das ações sociais, utilizando os instrumentos conhecidos e disponíveis. É esta ação a sua proposta, a sua forma de participar dentro da comunidade, a qual se realiza não apenas pela prática ativa e organizativa do trabalho, mas também pelo exemplo de uma iniciativa privada, através de um processo de autogestão.

O voluntário antevê, através da atividade e do trabalho dos grupos nos quais atuam, um dos caminhos para atingir uma acentuada gama de objetivos voltados para o social.

“Já pensou, num dia 7 de setembro a gente pegar todos os voluntários e botar faixas identificando os grupos, mostrando para a comunidade que este trabalho não é feito com lágrimas, nem com rostos agressivos, mas com rostos cheio de amor, que convidam: venham unir-se a nós para fazer um mundo melhor.

“Hoje tem um pouco, amanhã vai ser um pouco maior e daqui a pouco o mundo inteiro vai estar envolvido numa forma de confraternização”.

Mesmo que não seja possível resolver todos os problemas, como revelam os entrevistados, eles têm consciência de que podem amenizar as situações difíceis, proporcionando melhores condições e facilitando como intermediários, seja da sociedade civil, seja do Estado, a vida das pessoas que sofrem devido às carências materiais e afetivas. Por fora dos canais tradicionais, a ação do voluntário estabelece uma interlocução entre o atendimento e os atendidos, com um qualidade de serviços que não está sujeita às intempéries dos programas de salários.

O projeto de uma sociedade melhor, ou mesmo de uma nova sociedade com mais justiça e harmonia, almejada pelos voluntários e a ser construída através da prática e da expansão das ações voluntárias, confere a essa atividade o caráter político presente nesse tipo de ação na sociedade.

5.3. As malhas que se tecem a partir da extensão do trabalho voluntário

Em seu estudo sobre a crise do Estado-providência na sociedade francesa, ao questionar a maneira de restaurar o desvio instaurado entre o indivíduo e o social, Rosanvallon escreve:

“Não há outra via possível senão aproximar a sociedade de si mesma. Trata-se de a tornar mais compacta, de multiplicar os locais intermédios de composição social, de reinserir os indivíduos em redes de solidariedades diretas” (Rosanvallon, 1984:94).

Esclarece o autor que tornar a sociedade mais compacta não passa unicamente pelo caminho da constituição de microcoletividades estáveis e fechadas ou por pequenos agrupamentos quase auto-suficientes, mas pela multiplicação das inclusões temporárias ou limitadas, por uma multi-socialização, por um pluralismo das formas de sociabilidade que, antes de um recrudescimento, representa a expansão da liberdade dos indivíduos.

“O trabalho voluntário movimenta e integra as pessoas, e é pelo exemplo que ele vai se multiplicando”. Através dos relatos dos entrevistados, verificamos que as ações voluntárias, ao interagirem nos diversos campos do social, são as responsáveis por uma específica forma de sociabilidade que se estende no cotidiano.

Em um contexto inovador, os laços de solidariedade se sobrepõem à dura realidade, criando através do trabalho com os assistidos e entre os próprios voluntários uma nova forma de comunicação.

A partir do desenvolvimento de suas atividades através dos grupos e instituições, os voluntários estão inseridos num estrato organizacional entre outras entidades iguais ou que se assemelham em relação ao trabalho realizado.

Deste modo, essas atividades se encontram sob o mesmo “guarda-chuva”, onde as ações se cruzam e mesmo se interligam, como ocorre em alguns casos. A constituição em rede se apresenta como a forma de visualizar a realidade estrutural do significado de ser voluntário na sociedade.

A multi-socialização de informações em uma estrutura de rede é apresentada por alguns grupos, como por exemplo o CVV, que, em sua rápida

adaptação a expansão do trabalho, desenvolveu uma organização do tipo rede descentralizada que interconecta entre si os diversos postos existentes no Brasil, através de difusão e troca de informações funcionais da atividade, num processo de atualização permanente, que envolve aproximadamente 1.500 voluntários entre os 44 postos instalados nas principais capitais brasileiras e outras grandes cidades do País.

O encontro anual de voluntárias da saúde, que reúne diversos grupos de diferentes cidades do Estado, esboça um inter-relacionamento dos grupos, para troca de experiências, estudo, treinamento, formação e informações de diretrizes existentes e criadas neste campo de ação social, esses grupos, formam redes que mesmo que não se interconectem permanentemente, constituem-se elementos de um mesmo campo de ação, ligados pelos ideais de solidariedade e fraternidade presentes nas ações de caráter altruístas.

Neste aspecto, a ação voluntária não se realiza em delimitados espaços físicos ou sociais, não existindo um determinado campo onde essa ação possa realizar-se. Segundo uma voluntária:

“O atendimento aos pacientes se estende aos funcionários de baixa remuneração. Os funcionários da instituição são parte dos atendidos na medida em que se incluem entre a massa dos que precisam do trabalho voluntário, e á medida que você trata bem os funcionários, ele trata bem os pacientes”,

As ações voluntárias se movimentam no campo institucional e do privado, estendendo, através da condução de seu trabalho, essa atividade aos vários segmentos do social.

As redes de solidariedade formadas a partir da ajuda a grupos diversos são representadas por ações que ultrapassam e vão além do diretamente assistido, ou estritamente necessário. A atividade tem a característica de abrangência, não mais se restringindo a um determinado atendimento particular, pessoal, ou a um determinado grupo, mas sim ao todo, até onde haja alguém precisando de algo que o voluntário possa fazer ou intermediar o atendimento.

As redes de mobilização de recursos, incluindo pessoas físicas e jurídicas como mantenedores, expressam a forma pela qual se realiza a manutenção e o custeio das despesas e dos serviços realizados através do trabalho do voluntário.

Assim, a ação do voluntário não se constitui em ação isolada, mas é parte de uma rede de relações existentes entre grupos e instituições na sociedade.

O envolvimento de familiares do voluntário na realização de serviços diretos aos grupos ou instituições, como, por exemplo, auxílio na organização de festas, bingos (que podem ser considerados serviços de "terceiros") confere, devido às características dessas ações que proporcionam interações, uma identificação de tais ações em redes submersas, existentes a partir dessa atividade no social.

A extensão das relações criadas a partir das ações dos voluntários é representativa da realização dessas atividades em redes de cooperação,

alcançando e envolvendo pessoas e segmentos da sociedade na qual o voluntário atua também como intermediário e/ou interlocutor, no atendimento das necessidades sociais, individuais e coletivas que representam uma das formas que identificam a abrangência desse trabalho no social.

5.4. “A diferença no modo de as pessoas encararem a vida é que umas são voluntárias e outras, não”.

Para os entrevistados, a importância da realização da atividade, está alicerçada no fato de ser uma doação espontânea, que lhes confere uma vivência prática de autonomia, poderes e responsabilidades na realização do trabalho.

O voluntário é um indivíduo sempre disposto a *“atravessar a rua”*, se do outro lado estiver alguém precisando dele, numa demonstração de disponibilidade interior de tempo e de coração.

O trabalho proporciona descobertas que *“vão de si ao outro”* a um caminho *“capaz de criar vínculos cada vez mais duradouros”*, onde o fazer algo para o outro dá lugar ao interagir “numa troca”. É o momento em que o humano- genérico, se sobrepondo ao ser particular, se encontra em plena atividade, e onde o indivíduo se reconhece e se assume, não mais como reproduzidor mas como produtor do social.

Os voluntários dão do que têm, do que sabem, do que podem e do que produzem, segundo relataram os entrevistados.

“O trabalho do voluntário é muito grande, pois está sempre recomeçando, a pessoa tem que se trabalhar também”.

“O voluntário, ao trabalhar com um tipo de opção de vida, é também aquele que consegue manter a ‘graça’, o carisma no trabalho voluntário”.

O voluntário é alguém que tem esperança de que as situações se modifiquem e que a vida das pessoas melhore. Edgar Morin faz lembrar a importância da existência da esperança, quando diz:

“A esperança funda-se em possibilidades humanas, inexploradas e aposta no improvável. Não é mais esperança apocalíptica na luta final. É esperança corajosa na luta inicial. Ela deve restaurar uma concepção, uma visão de mundo, um saber articulado, uma ética. Ela deve inspirar não apenas um projeto, mas uma resistência preliminar contra as forças gigantescas da barbárie que se desencadeia” (Morin, 1993:34).

A prática da atividade do voluntário é referida como um meio de *“contribuir com sua proposta dentro da comunidade”*, através de uma forma consciente de vivência em grupo, onde *“todos resolvem, todos decidem”*, em situação de igualdade na tomada de decisões.

“O voluntariado é muito forte, as pessoas se unem para ajudar, até porque pobre não tem dono”, relata uma voluntária. O que um grupo não pode fazer o outro faz, e os resultados já não passam despercebidos pela sociedade, devido aos seus efeitos concretos.

Observamos na análise das entrevistas que, *todas* as pessoas, indistintamente, na opinião dos voluntários, podem realizar uma atividade voluntária e que a solidariedade, segundo Alberoni e Veca (1990) é algo presente em todos os indivíduos. Deste modo, se todas as pessoas (diferenciadas em intensidade), são dotadas de amor ao próximo, espírito de solidariedade e de moral (que nasce da capacidade das pessoas de serem altruístas e generosas), o que distingue as pessoas que realizam a atividade voluntária das que não realizam?

É na instância da cotidianidade, segundo Agnes Heller (1989), que o homem vive e define as mudanças a partir de suas escolhas; é onde o indivíduo vivencia em todos os aspectos a sua individualidade e personalidade. O homem, no pensamento da autora, nasce inserido na cotidianidade e dela faz parte como ser particular e genérico, e é nesse espaço que ele também se diferencia de outros.

A reflexão racional, que conduz as pessoas à moral, faz também com que o indivíduo realize escolhas de forma consciente. É quando a dona-de-casa deixa de cuidar somente da casa, da comida, do seu tricô, e vai movimentar-se em outros ambientes. Nesse momento ela está fazendo uma escolha por transitar entre o eu individual e o eu genérico.

E através da escolha por vivenciar o humano genérico que o indivíduo rompe com a sua particularidade. É esse o momento em que a pessoa passa a vivenciar o "*humano genérico*" de que trata Agnes Heller (1989), ou o "*estado nascente*", a que se refere Alberoni (1991).

Ser voluntário é vivenciar, como ser genérico, todas as suas potencialidades e capacidades, impulsionado a agir cada vez mais no coletivo, através da convivência com os outros, com a sociedade, e principalmente com os problemas sociais. É se colocar acima das particularidades existentes para interagir no genérico, em uma condição de pertencimento à sociedade.

O momento da escolha é também o momento em que o indivíduo rompe com a cotidianidade e emerge no humano genérico, vivenciando também neste momento o *"estado nascente"*, num estabelecimento simbólico com a vida pela exultação de estar fazendo algo que o realiza, que o deixa feliz, que rompe com o homem velho, trazendo à tona o homem novo.

O voluntário é alguém que guia racionalmente seus sentimentos altruístas para fins objetivados, buscando uma forma concreta de construir um *"mundo mais harmônico"*.

A partir do seu ingresso no campo da ação voluntária, segundo os entrevistados, a pessoa passa a vivenciar o mundo de uma nova forma, adotando todas as pessoas, indistintamente, como um irmão, considerando o grupo como uma família, e a sociedade como uma grande *"aldeia global"*, reconhecida por um único sobrenome, que se chama *"humano, o único sobrenome forte, o resto é burocrático"*, afirma um voluntário.

No mundo bipartido do cotidiano, onde a maioria das pessoas, segundo Agnes Heller (1989), tendem a permanecer na cotidianidade, que ocorre o fato de algumas pessoas, por uma escolha consciente, aderirem ao humano genérico.

Relata-nos um entrevistado:

“Creio que o trabalho vai nos dando uma consciência de como o coletivo sobrepuja o particular. Vai forjando em nós a noção de que os interesses da coletividade são muito mais importantes que os nossos interesses particulares. E essa noção vai, queiramos ou não, se disseminando pela sociedade”.

É no momento em que a pessoa passa a procurar uma forma de vivenciar na prática este “estado de vida” que começa a existir a diferença entre as pessoas que realizam e daquelas que não realizam um trabalho voluntário.

A integração dos agentes aos grupos, conforme dados coletados, se motiva principalmente pela vivência de um “estado consciente da escolha” por realizar um trabalho em auxílio dos que necessitam. Neste momento, o sentido de um “trabalho exercido com responsabilidade” toma lugar ao lado do sentido de “servir com amor”, francamente evidenciado na atividade do voluntário.

A comunhão de ideais de servir trabalhando pelos outros se sobrepõe ao interesse por uma necessidade de afinidades religiosas* entre os voluntários, ou em relação aos grupos nos quais se integram. Para os entrevistados, não importa o tipo de trabalho que realizam (ou a quem deveriam servir ou ajudar), desde que o trabalho possa ser feito e levado ao efeito desejado.

* observamos que a religiosidade é elemento presente na ação voluntária, contudo, em nossa análise, a religiosidade com um significado constante nas ações dos voluntários tende a aproximar-se mais de um modo de vivenciar a solidariedade, indistintamente, do que a prática e pertencimento a uma específica religião ou a extensão de uma instituição ou órgão religioso.

Isto é representado, na prática, pelo exemplo de algumas escolhas por determinadas ações, terem-se efetivado de modo casuístico, como no caso da voluntária que telefonou para determinada instituição para se informar sobre a possibilidade de realizar um trabalho voluntário, e que ao se enganar ao discar o número do telefone, terminou por realizar o trabalho junto à instituição contatada por engano.

A escolha racional e consciente, a opção espontânea pela solidariedade ao invés do egoísmo, do humano genérico ao invés da particularidade, se apresentam, a nosso ver, como a principal característica que leva os voluntários a buscar um meio e uma forma de atuar no campo da atividade social. Desse modo, o voluntário é alguém que assume de forma efetiva a responsabilidade e o compromisso inerentes à atividade que desempenha, ao grupo e conseqüentemente, à sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa proposta de estudo se desenvolveu com o objetivo de apresentar uma releitura do significado da ação do voluntário na sociedade. Ao nosso ver, é esta uma ação que vem paulatinamente se expandindo no campo das ações sociais, contribuindo como novo elemento. Esta releitura representa uma redefinição na estrutura pela qual a construção do social tende a se processar.

O estudo teve por objetivo a análise da ação do voluntário sob a ótica de ser esta uma ação desenvolvida de modo racional, com intuito de alcançar os objetivos visados pelos agentes.

Sendo alguém que se sente mais vivo por vivenciar o afeto com outras pessoas, e motivado pelo “amor ao próximo”, o voluntário, confere às suas ações um sentido significativo construído através de valores, levados ao nível da praticidade.

A finalidade de ser útil se efetiva através da atividade do voluntário, no sentido de alcançar os objetivos que ultrapassem o de “*dar esmola*”, para o de “*participar ativamente*”, sabendo que é um trabalho de doação, sem remuneração, realizado para minorar o sofrimento alheio, contribuindo para construir uma sociedade mais humanizada, através de um projeto de construção de um mundo melhor. É esta a expressão mais racional do objetivo visado pela ação do voluntário.

Ser voluntário na sociedade inclui uma disposição interior e exterior (de tempo e de coração), de colocar-se à disposição e com interesse real pelo “*outro*”. Significa também uma nova reeducação dos indivíduos com seu mundo particular e uma reorganização de suas relações com o coletivo, que se reflete no social.

A ação do voluntário desenvolve seu significado sob uma estrutura de ação que tem por principal motivação os sentimentos de solidariedade, que, junto com o objetivo de ser útil, busca, através da prática do trabalho voluntário, alcançar de forma concreta os objetivos e as finalidades pretendidas.

Esses elementos se assemelham à composição da moral moderna, apresentada por Alberoni e Veca (1990), na qual a reflexão racional é responsável por guiar os impulsos altruístas em direção as práticas efetivas visadas. O amor ao próximo, ingrediente básico no “*despertar*” do indivíduo para o *outro*, para o *semelhante*, para o *qualquer um*, juntamente com os sentimentos altruístas como *o amor, a amizade, a solidariedade*, dividem com a *razão* o papel de impulsores à condução dessa forma de intervir no social.

Ser voluntário significa fazer escolhas, começando pela própria decisão de querer “envolver-se” com o mundo, de romper com a sua cotidianidade (Heller, 1989). É se assumir nessa escolha como ser capaz de intervir, de mudar, de ter planos e projetos, e de escolher o meio pelo qual buscará atingir seus objetivos, bem como criar e expandir vínculos de solidariedade no social.

A reflexão racional, aliada aos sentimentos altruístas, é o que dá consciência e reconhecimento de capacidades e potencialidades, que desperta e impulsiona os indivíduos a irem ao encontro do que os torna felizes.

A partir desta reflexão, o indivíduo, acaba realizando-se na busca de atingir uma imagem do melhor possível, do alternativo, que inclui a imaginação coletiva no sentido visado de sua conduta.

No desenvolvimento deste estudo chegamos à constatação de que a solidariedade, o amor ao próximo, a vontade de ser útil, que estão sempre presentes no discurso dos entrevistados, se configuram nos elementos estruturais que compõem a ação do voluntário na sociedade.

Contudo, a nosso ver, os sentimentos de solidariedade, compaixão, caridade, enfim, os sentimentos que em uma escala axiológica identificamos como sentimentos altruístas, bem como a existência de fins objetivados, sejam eles quais forem, são elementos que em maior ou menor grau se encontram presentes na vida da maioria das pessoas, independente de serem voluntárias ou não, mesmo que sejam estes elementos existentes e constitutivos da estrutura das atividades voluntárias.

Assim se apresentou a questão principal deste estudo, caminho pelo qual buscamos o conhecimento do significado de ser voluntário na sociedade.

O resultado da reflexão sobre as análises realizadas nos leva à seguinte proposição:

Em um primeiro momento, o indivíduo tem sempre presente em sua vida (ressalvada a intensidade), o amor, a solidariedade, sentimentos imanentes ao ser humano, de querer ser útil e ajudar, que se expressam em ações e gestos na cotidianidade, sem contudo este comportamento se sobrepor a qualquer das

outras ações que realiza, e principalmente não prevalecendo sobre as suas particularidades, sobre o seu ser particular.

Neste momento, a ética está ainda somente lembrando que além da instância individual há uma instância social, uma instância humano-genérico. Há uma inquietação individual, um “despertar”. Até este momento não existe uma atitude de caráter político.

Em um segundo momento, o indivíduo como que se coloca em plano “*intermediário*”. Já não se sente tão indiferente ao que ultrapassa a sua cotidianidade, ou seja, começa a “*despertar*” do dia-a-dia, da rotinização, da automatização.

O indivíduo oscila, sente-se ainda vivenciando o seu ser particular, mas começa a despertar da forma de alienação (existente na cotidianidade) à qual se refere Agnes Heller (1989), para voltar-se para o lado do social, e inicia o seu deslocamento em direção ao coletivo, à sociedade, ao humano-genérico.

Isto não significa, contudo, que de repente haja uma “*mudança drástica*”, ou que o homem deixe de lado as suas particularidades e se transfira para viver totalmente o social, conforme salienta Agnes Heller (op.cit), mas, simplesmente, que ele passa a transitar, espontânea, livre e conscientemente entre essas esferas da cotidianidade (do ser particular e genérico), e através da escolha consciente de submeter a sua particularidade ao genérico, tenda a vivenciar mais este último.

Nesse estágio é quando já não basta ao indivíduo contribuir com carnê, ou outra forma de contribuição indireta sem envolvimento, e inicia a passagem pela

escolha consciente, para o plano do humano-genérico, passando a atuar ativamente em prol da coletividade.

É também neste segundo momento que, impulsionado à uma escolha consciente e reflexão racional, o indivíduo se descobre capaz de intervir, assumindo-se como partícipe e produtor do social.

O indivíduo vai instrumentalizar essa relação com o humano-genérico através de ações racionais (valores ou finalidades), de um projeto, uma visão de sociedade, da sua própria ação na sociedade como interlocutor, mediador dos problemas sociais vivenciados pelas pessoas.

A racionalidade do projeto se faz presente quando o indivíduo não mais problematiza a relação com o genérico apenas como um problema de consciência, mas o indivíduo vai instrumentalizar isto através de uma forma racional, e vai realizar ações determinadas de modo racional, tendo em vista os fins e os valores. Por valores podemos expressar o fato de as pessoas, através do amor ao próximo e da solidariedade, procurarem ajudar outras pessoas (o próximo), com ações práticas e efetivas, buscando atingir (através da vontade de ser útil), a finalidade visada de mudar, de modificar a situação de vida ou amenizar o grau de dificuldades pelas quais as pessoas passam.

O voluntário busca fornecer suporte material e afetivo para que as pessoas possam, a partir do saneamento de suas dificuldades, superar as diversidades e mesmo lutar por elas mesmas.

O significado de ser voluntário alia amor e carinho, à vontade de que as coisas se modifiquem, que as relações sejam mais humanizadas, que as

condições de vida sejam mais justas para todos. O voluntário age para que as coisas se tornem menos duras para aqueles que passam por dificuldades físicas, materiais e emocionais.

Se neste momento podemos identificar as ações determinadas de modo racional, tendo em vista os valores, podemos dizer que temos aqui também ações tendo em vista os fins. Quando se tem uma finalidade de que as pessoas vivam melhor, que as relações sejam mais humanizadas, então de alguma forma, existe uma ação tendo em vista a finalidade.

Neste contexto das ações dos voluntários, há uma distinção entre tipos de ações precisamente porque está mais presente uma ação que tem em vista os valores, do que outros significados. Contudo, ao final, podemos verificar que as ações dos voluntários não se apresentam nunca totalmente desvinculadas de valores e fins, não encerrando, portando, uma forma determinada ou específica de ações tendo em vista os fins ou os valores, mas sim que esses tipos de ações se mesclam na ação do voluntário.

A partir do projeto, a ação deixa de ter um significado apolítico. Nesse momento o indivíduo assume-se enquanto produtor do social e não mais como mero reproduzidor. Ele resolveu mediar a inquietação que estava sentindo, entre o ser particular do cotidiano e o ser genérico da humanidade. No momento em que ele se instrumentaliza através de um projeto de ajuda, de uma participação ativa, ele se eleva a uma atitude completamente politizada.

Contudo, não são todas as pessoas que, a partir do despertar da ética, da moral, se voltam para os problemas dos outros. Alguns desses indivíduos que

foram despertados pela ética e não todos os que foram atingidos por ela, mas sim os que se sentiram "*intimados*", conforme Agnes Heller, por essa ética, serão aqueles que envolver-se-ão e irão desenvolver de forma racional e direta, atividades em prol do outro. São aqueles que, ao escolher entre permanecer ou romper com a parte inerte da cotidianidade, resolvem, através da escolha consciente, participar da construção do social.

Deste modo, esta é uma ação consciente e politizada que pode ser analisada em termos de um projeto de construção da sociedade, que não é transcendente como muitas vezes se pensa, mas sim que há um projeto no sentido de que algumas coisas precisam ser feitas e que algumas delas podem ser feitas ao nível de atendimento das ações dos voluntários na sociedade.

O caráter político das ações voluntárias não significa uma substituição pelo papel do Estado. Essas ações passam a ocupar espaços próprios, mesmo que estes espaços sejam aqueles deixados pelas lacunas do Estado.

A ação voluntária é o instrumental da intervenção do voluntário no social. O trabalho voluntário é o meio para alcançar os fins; se não fosse um determinado trabalho, seria outro.

Neste sentido, não é o trabalho voluntário que transporta o indivíduo para o social, para o humano-genérico, mas é o sentir-se partícipe do social, do humano-genérico que leva o indivíduo a desenvolver por essa forma a sua participação no social.

Ser voluntário na sociedade, expresso no exercício efetivo dessa atividade, significa trabalhar por uma renovação da realidade, significa ser consciente,

racional. É ter projetos e planos de intervir na realidade, através da responsabilidade individual e coletiva frente ao outro, ao grupo, à instituição, onde o coletivo sobrepuja o particular, numa postura que vai espalhando-se pela sociedade.

Desta forma, além de ser uma atividade realizada por quem tem *"tempo"* e *"amor de sobra"*, a ação voluntária é também uma *ação social*, uma escolha consciente de um posicionamento no campo do humano-genérico, e principalmente de um posicionamento frente à sociedade.

É esta uma forma de concretizar, segundo um voluntário, *"um ideal tão sutil como este que prega o amor ao próximo"*.

O significado de ser voluntário conjuga amor ao próximo, racionalidade e escolha consciente. Significa fazer uma opção pela solidariedade ao invés do egoísmo; através da reflexão racional, assumir-se como condutor numa ação de caráter e valor político; significa sair da particularidade e ir ao encontro de vivenciar com o outro os problemas sociais; é escolher também ser público, ser produtor e não somente "estar" no social.

Diante do exposto, a ação do voluntário, da maneira como se apresenta, pode ser explicada como a extensão máxima do indivíduo no social.

O trabalho realizado pelo voluntário significa o meio e a expressão, pelo qual consciente de si e de suas potencialidades de intervir no social, o indivíduo assume uma posição nesse social.

Apresenta-se o trabalho do voluntário, a nosso ver, como a possibilidade de uma nova forma de reencantamento do mundo. Uma nova forma de reencantar

o mundo através dos laços de solidariedade, de um reinvestimento do afetivo segundo Maffessoli (1995). É o despertar do indivíduo para o humano genérico, pela escolha consciente e livre que conduz o indivíduo a ações práticas na sociedade, como produtor do social.

Será este um novo estágio do repensar humano? Uma nova forma de revolucionar o social?

Se é um novo estágio, ele tende a fixar o indivíduo no plano do humano genérico, de ir ao encontro do outro e ficar junto dele. Contrário ao imediatismo, inspira a permanência proporcionada pela estrutura e a maneira pela qual seus agentes conduzem esta atividade no social.

Se é uma nova revolução, ela ocorre como uma nova forma de repensar o social por meio de novos instrumentais de ação.

Ser voluntário significa, portanto, buscar uma nova forma alternativa de se relacionar, conferido pela textura das ações dos voluntários, como um comportamento social emergente. Significa interagir em diversos campos do social, onde se faça necessário o trabalho do voluntário, através do qual a abrangência de tais ações constrói uma consciência coletiva. As ações dos voluntários representam, desta maneira, formas concretas de agências que surgem como resposta ao reencantamento do mundo.

No significado de ser voluntário está também presente uma nova espiritualidade, a partir do afastamento das utopias e dos partidos. Após o desencantamento do mundo, ela surge como uma forma de reencantamento, que atualmente se refunde na moral dos valores e da razão.

A redefinição e a compreensão deste significado de ser voluntário nos impõe um desafio de repensar e construir novos métodos de participação, também política, a partir dessa realidade que já está sendo construída.

Há, portanto, na ação do voluntário, paixão e razão, projeto e ação de transformação através da ação racional e da opção de intervir no social através dos fins e dos meios propostos. A partir das práticas cotidianas, mais revolucionárias do que pregar o fim da história, as ações dos voluntários reinventam a forma de produzir e conduzir caminhos alternativos de produção no social.

A racionalidade é reexplorada agora sob as vistas de uma moralidade moderna, e toma uma atitude de caráter político quando a relação indivíduo-humano-genérico vai ser mediada por um projeto.

Ao concluirmos nossa exposição, gostaríamos de expressar que este estudo não tem a pretensão de dar por encerrado o campo do conhecimento sobre o significado da ação do voluntário, mas que atendendo ao nosso objetivo, nos iniciou no entendimento desse. Tal percurso, ao mesmo tempo em que nos fez reler essa ação no social, nos proporcionou a emergência de outras questões presentes no seu desenvolvimento e que se transformaram em visões ainda a serem exploradas no campo da ação dos voluntários. Entre essas, gostaríamos de destacar a questão da ação voluntária na modernidade, no final de século, a filantropia e a crise do estado social, as similitudes e diferenças entre a ação voluntária e outros tipos de ações na sociedade e também a parceria que se faz presente no campo das ações solidárias, as quais assumem determinadas

responsabilidades sociais sem formalidades mas nem por isso menos efetivas. Essas, entre outras questões, foram surgindo enquanto íamos abrindo o “leque” no qual passávamos a vislumbrar o desenho, o formato, do corpo e do espaço que ocupam as ações dos voluntários na sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- Alberoni, Francesco. Gênese. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.
- Alberoni, Francesco & Veca Salvatore. O altruísmo e a moral. Trad. Mário Fondelli. Rio de Janeiro, Rocco, 1990.
- Araújo, J. M. Um conceito de voluntário em serviço social numa perspectiva fenomenológica. Dissertação de Mestrado em Serviço Social, PUC-RS, 1981.
- Carlos, S.A. et alli. Voluntários de obras sociais filiadas a Cáritas. Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social, PUC-RS, 1972.
- CVV. Manual do voluntário. São Paulo, Aliança, 1990.
- Fernandes, Rubem César. Privado porém público: O terceiro setor na América Latina. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.
- Folha de São Paulo, 06.08.95. p.5.
- Galli, Sidinei. O cristianismo: Razões do seu triunfo. Anais de História. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Assis. São Paulo, vol. 6, 1974.
- Hauck et alli. História da Igreja no Brasil. A Igreja no Brasil no século XIX. Petrópolis, Vozes, 1980.
- Heller, Agnes. O cotidiano e a história. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989
- Hoornaert et alli. História da igreja no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1983, 3a ed.
- _____, Eduardo. Formação do Catolicismo Brasileiro, Petrópolis, Vozes, 1974.
- Huenefeld, John. O Voluntário a serviço da sociedade. trad. Roberto M. Fortes de Oliveira. Rio de Janeiro, Agir Edit., 1973.

- Hughes, Philip. História da Igreja Católica. Trad. de Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo, Nacional, 1954
- Julien, Freund. Sociologia de Max Weber: tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. Rio de Janeiro, Forense universitária, 1987, 4a ed.
- Landim, Leilah. Para além do Mercado e do Estado? Filantropia e cidadania no Brasil. Cadernos do ISER, Rio de Janeiro, junho 1993.
- Luff, Stanley G.A. A organização da Igreja. Rio de Janeiro, Renes, 1969, vol.6.
- Loiola, Elizabete & Moura, Suzana. Análise de rede(s): Uma contribuição aos estudos organizacionais. Salvador, 1995, mimeo.
- Maffesoli, Michel. A contemplação do mundo. Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1995.
- Marschall T.H. Política Social. Trad. Meton P. Gadelha. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- Martinelli, Maria Lúcia. Serviço Social: identidade ou alienação. São Paulo, Cortez, 1987.
- Morin, Edgar "et al. " A decadência do futuro e a construção do presente. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.
- Nunes, Maria José F. Rosado. Vida religiosa nos meios populares. Petrópolis, Vozes, 1985.
- Oliveira, Heloisa Maria José de. Assistência social: Do discurso do Estado à prática do Serviço Social. Florianópolis, ed. da UFSC, 1989.
- Patarello, Giovanni V. Perfil de Dom Orione. São Paulo, Loyola, 1992, 5 ed.

- Piazzza, F. Walter. A igreja em Santa Catarina. Notas para sua história.
Florianópolis, Ed. do Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.
- Scherer-Warren, Ilse. Metodologia de redes no estudo das ações coletivas e movimentos sociais. Florianópolis, 1994, mimeo.
- _____. Redes de movimentos sociais. São Paulo, Loyola, 1993.
- Souza, Jessé. Homem, cidadão: ética e modernidade em Weber. revista de Cultura e Política, Lua Nova, nº 33, 1994, p. 135-143.
- Tuechie, Hermann & Bihlmeyer, Karl. História da Igreja. São Paulo, Ed. Paulinas, 1964. Vol. segundo.
- Ullmann, Reinhold & Bohnen Aloysio. O solidarismo. São Leopoldo: Unisinos, 1993.
- Weber, Max. Economia Y Sociedad. Esbozo de sociologia comprensiva. México, Fondo 4.de Cultura Económica, 1983.